

EMÍLIA FREITAS E ARTHUNIO VIEIRA: A MISSÃO EM COMUM NA AMAZÔNIA

Robério dos Santos Pereira Braga⁶¹

“É nosso dever auxiliar os heróis na árdua empresa de remissão dos cativos” (Emília Freitas, na inauguração da Sociedade Cearense Libertadora, no Clube Cearense, 1883).

RESUMO

O presente trabalho pretende reconstruir aspectos da trajetória pessoal e profissional de Emília Freitas em Aracati, Fortaleza e em Manaus, e de Arthunio Vieira nas cidades do Recife, Belém e Manaus, que, separadamente, sem que se conhecessem, desenvolveram as mesmas atividades como jornalismo, fundação e direção de jornais, magistério, artes, literatura, abolicionismo da população negra e propaganda republicana. Posteriormente, quando reunidos pelo matrimônio, efetivaram a conjugação de esforços em comum em Manaus, Maranguape e Belém, dessa feita sob ângulo muito especial que foi a prática e propaganda do Espiritismo. Trata-se de estudo submetido ao tema central “Espíritas na Amazônia: suas buscas nas realizações do passado e do presente, e nas motivações para o futuro”, fixado no eixo “Primórdios das ações espíritas nas terras amazônicas – vultos históricos da ação espírita amazonense”, programados para o V Simpósio FAK. O trabalho, dividido em três blocos de pesquisa conclui por demonstrar que Emília e Arthunio, após formação católica rigorosa começaram as práticas espíritas em Manaus, cabendo a ela iniciá-lo na Doutrina, e a Arthunio, após o desencarne de Emília, dar continuidade à difusão jornalística do Espiritismo e do Movimento Espírita. O estudo foi realizado com base em documentos primários e pesquisa bibliográfica, utilizando o método histórico e dedutivo.

INTRODUÇÃO

O maior número de nordestinos que se transferiu para a Amazônia no período da *belle époque* (1880-1913), especialmente para Manaus, foi de cearenses, junto aos quais e em menor contingente, porém com mesma importância para o desenvolvimento regional, chegaram os pernambucanos, advindos de vários municípios e distritos, mas especialmente do Recife. Muitos se embrenharam nas matas das estradas de seringais; outros puderam optar pela permanência nas capitais, ou pelo menos nas sedes dos municípios como Humaitá, Lábrea e Borba, considerados importantes polos regionais da época. Foram vários os que chegaram para desenvolver atividades no magistério, na magistratura, na medicina e na imprensa, graduados ou não, atraídos pelo surto de crescimento que a capital amazonense ostentava a olhos vistos e era anunciado em trombeteadas para muitas léguas de distância.

Alguns viveram experiências quase concomitantes nas duas principais cidades da Região: Belém e Manaus. Entre eles Emília Freitas e Arthunio

⁶¹ Pesquisador convidado da Fundação “Allan Kardec”.

Vieira. Raramente uma mulher se destacava na sociedade da época como sucedeu com Emília Freitas que foi professora, jornalista, diretora de jornais, escritora, poeta, abolicionista, republicana, espiritista, uma revolucionária para os padrões então vigentes, precisamente de 1855 quando reencarnou, passando por 1873, ano em despontou para o jornalismo e até 1908, quando veio a desencarnar. Arthunio foi professor, jornalista, diretor de jornais, escritor, dramaturgo, abolicionista, republicano, conferencista, espiritista, um revolucionário em tudo que realizou.

Uma extensa pesquisa histórica dificilmente identificará muitas outras mulheres que, naqueles anos, tenham obtido a projeção que Emília alcançou, muito mais por determinação pessoal do que por qualquer outra razão, inclusive de família ou matrimônio. Esse desempenho no campo das causas sociais e das letras tem motivado pesquisadores contemporâneos a dedicarem estudos acadêmicos que procuram examinar sua trajetória, contextualizando sua contribuição à libertação dos escravos negros no Ceará, a experiência amazônica, as experimentações na literatura, e, mais recentemente, sua dedicação ao Espiritismo.

Depois de desenvolverem diversas atividades em cidades distintas, Emília em Aracati, Fortaleza e Manaus e Arthunio no Recife, Belém e Manaus, os dois foram reunidos em laço matrimonial após construírem, à distância, entrelaços muito particulares que devem ter fortalecido essa união, e, mais que isso, os levaram a atuar de forma conjunta e harmônica na propagação da Doutrina Espírita, aspectos que constituem objeto desse estudo que visa demonstrar as identidades que devem tê-los aproximado.

EMÍLIA FREITAS: A ORIGEM DISTANTE

Em acurada perquirição histórica, o sempre notável Guilherme Studart (barão de Studart), cearense de quatro costados, ao se dedicar ao desenho do perfil biográfico de Emília Freitas identificou com precisão seus ancestrais, a partir de bisavós. Damião Pereira de Oliveira e Maria Magdalena Ferreira de Mello. Magdalena era filha de Antônio Ferreira de Mello, natural de Goiana, e de Isabel da Rocha Maciel. Studart desvendou, ainda, que Damião era irmão de Cláudio, Vicente, Jacintho, Manoel, José Francisco e João Marques de Oliveira, compondo família que deu ao Ceará os mosenhores Bruno de Figueiredo, Liberato Dyonisio da Costa e Luiz Gonzaga, além de negociantes e professores.⁶² Salaria também que Emília foi neta paterna de Raphael Ferreira de Mello e Maria Maciel, e neta materna de Manoel Duarte da Cruz e Isabel da Rocha Maciel, portugueses de nascimento.

A região em que reencarnou e de maior referência para a família é a dos índios “Potiguara”, que foram alcançados pelos europeus em 1500, e pelos anos 1600 tornou-se área de interesse militar por causa das fortificações de Bateria do Retiro Grande, Presídio da Ponta Grossa, Presídio de Coroa Quebrada, Presídio do Morro de Massaió, dentre outras. Sua ocupação definitiva pelo homem europeu, entretanto, decorreu das oficinas ou charqueadas do Ceará, que imprimiram condições de competitividade com a pecuária local e com a zona canavieira de Pernambuco, passando a ser região produtora de carne seca e porto de exportação para cana-de-açúcar, além de

⁶² STUDART, Guilherme. **Dicionário bio-bibliographico cearense**, vol. 1. Fortaleza: Typo-Lithographia a vapor, 1910, p. 243.

base de apoio militar para proteger a região portuária, as transações comerciais e os habitantes contra os ataques de índios. Mereceu capela (1714), juízo e tabelião (1743) e conseguiu forte crescimento nos anos seguintes até ser elevada à Vila (1748), ocasião em que foi erguido o pelourinho e empossada a Câmara de Vereadores, e foi erigida em cidade (1842) mais de vinte anos após haver sido palco de combates ao tempo da Confederação do Equador (1824), quando Tristão Gonçalves de Alencar Araripe chefiou tropas que atacaram e arruinaram a localidade, em apenas uma semana.

Esse lugarejo cresceu em razão de atividade econômica próspera e de relações com localidades vizinhas e foi o seio da família de Emília e no qual firmou raízes e tradição, o que não impediu que ela partisse no rumo da capital, a próspera cidade de Fortaleza, e, mais tarde, para o desejado Norte do País, onde se dera e estava em curso uma verdadeira explosão econômica a atrair brasileiros de todos os quadrantes e especialmente do Ceará, sofridos com a seca ou em busca de riqueza e aventura.

Conterrâneos da mesma região de Emília foram Francisco José do Nascimento (1839-1914) o “Dragão do Mar” que esteve à frente do movimento abolicionista do Ceará; Júlio César (1850-1931) um dos principais dirigentes do Clube Republicano de Aracati, o primeiro do Ceará; Adolfo Caminha (1867-1897), escritor de “A Normalista”, “Bom Crioulo”, e outros; Pedro José da Costa Barros (1779...) militar, primeiro presidente da província do Ceará, ministro de Estado e senador; Pedro Pereira (1814...) primeiro autor de projeto à Câmara Federal em favor da extinção da escravidão; Paula Nei (1858-1897), poeta e jornalista; Major Facundo (1787-1841), comerciante e político,⁶³ o que serve para demonstrar ter importância da região na história do Ceará, e a tradição nas letras, artes e na política.

A trajetória dos pais

Filha do tenente-coronel da Guarda Nacional Antônio José de Freitas e de Maria de Jesus Freitas. Pelos dados conhecidos é possível considerar que tenham sido muitos os seus irmãos, havendo referência a mais de dez, um dos quais a acompanhou na viagem para o Amazonas em 1892. As poucas informações disponíveis permitem reconstruir, ainda que de forma parcial, a trajetória do pai, diverso do que sucede com sua mãe, em relação a qual são ainda mais raras as notícias.

Antônio José foi empregado público ao tempo do Partido Conservador (1852), subdelegado do distrito de sua residência (1864), além de ter servido desde 1839 à causa pública independente de partido político, mesmo sendo liberal convicto, ou como ele afirmava “de véspera, do dia e do futuro”, ou “desde que tomei juízo de razão fui acompanhando as tendências do meu século e aceitando as teorias do raciocínio e do direito.”⁶⁴

⁶³ BARBOSA, Maria Edvani Silva. **Aracati (CE) no período colonial: espaço e memória.** Fortaleza, 2004. Disponível em: http://www.uece.br/mag/dmdocuments/maria_edvani_dissertacao.pdf. Acesso em: 17 set. 2017. (Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Acadêmico em Geografia, do Centro de Ciências e Tecnologia, da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para obtenção do grau de mestre em Geografia).

⁶⁴ JORNAL DO CEARÁ, Fortaleza, 13 mai. 1868, p.3.

Além disso, atuou na imprensa, inclusive defendendo a criação dos batalhões da Guarda Nacional na sua região (1867), razão pela qual foi bastante acossado com afirmações de que teria obtido a patente da Guarda de maneira escusa, porque foi nomeado comandante para a União (Aracati). Refutou a acusação valendo-se das colunas do jornal *Pedro II*. Tudo porque Freitas defendeu a criação desses batalhões valendo-se de vários amigos, mas sem postular a designação para comandante. Segundo ele, sua atuação nesse episódio visou

satisfazer mais uma necessidade da localidade, cujo progresso e interesses tenho advogado com a mais firme e sincera dedicação, sacrificando mesmo os meus interesses e cômodos pessoais. [...] Se a minha nomeação não foi obtida por meio de baixezas, traficâncias ou transações indígenas, não pode ela desonrar o governo que a fez, e nem tão pouco aqueles dos seus amigos que voluntariamente a procurarão obter.⁶⁵

Enfrentando todo o tipo de acusações, Freitas foi nomeado para o posto de tenente-coronel do Batalhão de Infantaria⁶⁶ da Vila da União, por decreto de 27 de dezembro de 1867, subordinado ao comando de Aracati.⁶⁷ Padeceu nos embates políticos também pelas posições assumidas na condição de Liberal, em confronto com os membros do Partido Conservador. Embates entre liberais e conservadores eram comuns em todos os quadrantes do País, sendo corriqueira a afirmação de que não havia nenhum liberal mais exacerbado do que um conservador no poder, a demonstrar o desempenho político dos liberais que chegava a impregnar os mais ferrenhos opositores.

A respeito de dona Maria de Jesus Freitas, mãe de Emília, além dos afazeres domésticos e de educação dos filhos, como era exigência da sociedade daquela época, o que se conhece é ter ficado viúva em 1869 e desencarnado em 1892.

A trajetória de Emília Freitas

Emília Freitas nasceu na antiga União, depois Jaguaruana, na época distrito de Aracati, no Ceará, em 15 (11) de janeiro de 1855, onde estudou as primeiras letras. Deslocou-se para Fortaleza após a morte do pai em 1869, dedicando-se aos estudos das línguas inglesa e francesa e de geografia. Após as primeiras experiências na imprensa no ano de 1873, sofreu a perda de quatro irmãos no período de outubro de 1876 a abril de 1878.

Sua trajetória é rica de vivências desafiadoras para a realidade da época, seja como professora, jornalista, diretora de jornal, abolicionista, republicana, poeta, romancista, oradora, assim como espírita e uma das precursoras do movimento em defesa dos direitos da mulher no Brasil, conforme salienta o presidente da Federação Espírita do Estado do Ceará.⁶⁸

⁶⁵ JORNAL DO CEARÁ, Fortaleza, 9 jan.1868, p.4.

⁶⁶ JORNAL DO CEARÁ, Fortaleza, 28 jan. 1868, p.1.

⁶⁷ JORNAL DO CEARÁ, Fortaleza, 31 jan. 1868, p.1.

⁶⁸ professor, historiador e presidente da Federação Espírita do Ceará - FEEC. <http://www.canteiroideias.com.br/2013/01/emilia-freitas-uma-mulher-frente-de-seu.html> EMÍLIA FREITAS "Uma mulher à frente de seu tempo", em 20 jan. 2013. Acesso em: 20 set. 2017.

Em 1881 já declamava suas poesias em eventos realizados no Colégio Santa Cecília, na capital cearense, sendo muito aplaudida⁶⁹, o que aconteceu durante muitos anos, sempre nos festejos da Santa.⁷⁰ No ano seguinte (1882), já era professora em Fortaleza⁷¹, e em 1883 lecionava na escola noturna da Rua do Senador Pompeu⁷², n.º 31.⁷³ Ao que se verifica, o exercício do magistério, até então, era feito sem exigência de formação especial, possivelmente nas chamadas aulas livres, mas em 1885 ela cursava a Escola Normal do Ceará.

A Escola estava recém-criada, com funcionamento recente, apesar de que, desde 1834, Ato Adicional do governo central havia delegado às províncias a responsabilidade pelo ensino primário e de formação de professores. A ideia de criação da Escola vinha desde a presidência de José Martiniano Alencar em 1837, mas só se efetivou em lei de 1878-79, em plena seca catastrófica, sendo consolidada em 22 de março de 1884 tendo como base “princípios filosóficos e educacionais defendidos por intelectuais da época como Thomaz Pompeu de Souza Brasil, os professores José de Barcellos e Amaro Cavalcante, dentre outros.”⁷⁴

O ingresso de Emília na Escola Normal não pode ser tomado como resultante de formação preparatória nos moldes atuais (2017), visto que, naquela época, para fazer o curso de formação para o magistério era exigida apenas a preparação primária. Entretanto, a Escola tinha “uma organização curricular de cunho universal e intelectualista, enfatizava o conteúdo das disciplinas restringindo a formação docente à cadeira de Pedagogia”.⁷⁵ Além do aspecto natural de formação Emília pode ter considerado a oportunidade valiosa de admissão em emprego público, visto que a conclusão da Escola Normal do Ceará dava direito à nomeação direta para professor da Província, sem concurso.⁷⁶

Na Escola Normal ela estudou francês, geografia, história, ciências naturais, matemática, português e pedagogia, sob a direção do professor José de Barcelos, não sendo alcançada pelas reformas educacionais que, a partir de 1889, incluíram outras disciplinas como educação moral e cívica, trabalhos manuais, música, desenho, ginástica, psicologia e noções de literatura.⁷⁷

Como professora no Ceará, mesmo antes de concluir o curso na Escola Normal, ela atuou no sentido de banir o que era considerado como “as trevas da ignorância”, postura que pode ser constatada em uma de suas poesias lançada no jornal *Pedro II*, em 1881:

É dever nesta hora excelsa/Mostrar um sincero pasmo/Saudar com entusiasmo/O sublime pavilhão/Onde trabalha ufanosa/Como esta cruzada/Que se arroja denodada/Em busca da perfeição!!! [...] Oh! Quando as priscas eras/Atuava a tirania/Todo o povo então jazia/Do

⁶⁹ CEARENSE, Fortaleza, 26 nov.1881, p.1.

⁷⁰ CONSTITUIÇÃO, Fortaleza, 24 nov.1882, p.2.

⁷¹ GAZETA DO NORTE, Fortaleza,

⁷² LIBERTADOR, Fortaleza, 22 set. 1883, p.2.

⁷³ LIBERTADOR, Fortaleza, 1.º out. 1883, p.3.

⁷⁴ SILVA, Maria Goretti Lopes Pereira e. **Escola Normal do Ceará: impasses de criação e a tônica reformista**, p.2. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/RValdemir/escola-normal-do-cear-18841922> Acesso em: 17.set.2017.

⁷⁵ Idem, idem, p.3.

⁷⁶ Idem, idem, idem.

⁷⁷ Idem, idem, p.6.

saber inda na infância:/Hoje no século das luzes/Em toda parte se ensina/A rasgar negra cortina/Da noite da ignorância./E a oferenda preciosa/Dessa seiva imorredoura/Que ora a nação entesoura/Nos crânios diletos seus:/Com justiça, por direito/Igual ao filho do nobre/Recebe o aluno pobre/ Francamente nos liceus/Educar na mocidade/A esperança coorte/É assegurar a sorte/Da futura geração!/É acender uma lâmpada/Nas trevas que envolvem a lama!/É tecer vívidas palmas/Com as flores da instrução...⁷⁸.

Alguns aspectos destacados de sua trajetória podem ser apreciados, como o relativo à libertação dos escravos cearenses, atuação na imprensa, na literatura e no Movimento Espírita.

Libertação de escravos no Ceará

A Província do Ceará ostenta a tradição de ter sido a primeira do Império brasileiro a abolir a escravatura negra em seu território, feito consagrado em março de 1884, graças à atitude determinada e corajosa de muitas personalidades, inclusive anônimos homens do mar, em meio a diversos movimentos libertários que incluíam estudantes, senhoras e respeitáveis senhores, mas para cujo êxito foi determinante a postura dos jangadeiros cearenses.

Nesse movimento Emília se destacou com suas poesias e discursos libertários, além do papel desempenhado na imprensa dedicada à causa da abolição a ponto de aos 28 anos de idade ser escolhida como oradora da solenidade de inauguração da Sociedade Cearense Libertadora, realizada em Fortaleza, em 6 de janeiro de 1883. Seu pronunciamento mereceu destaque não só pela peculiaridade de ser mulher, mas pela determinação com que se apresentou, disposta a contribuir decisivamente para a causa que a sociedade abraçara, destacando que a vila de onde era originária já alcançara a abolição:

Antes de manifestar as minhas ideias, peço desculpas à ilustre SOCIEDADE CEARENSE LIBERTADORA para aquela que sem títulos ou conhecimentos que a recomendem, vem felicitá-la pela primeira vitória alcançada na ditosa vila do Acarape. Depois imploro ainda permissão para à sombra de sua bandeira, aliar os meus esforços aos destas distintas e humanitárias senhoras, oferecendo-lhes com sinceridade os únicos meios de que disponho: meus serviços e minha pena que, sem ser hábil, é em compensação guiada pelo poder da vontade. [...] Neste momento é com verdadeiro prazer que pronuncio o nome da Exma. Sra. Maria Tomásia Figueira Lima e de suas dignas consocias. Como na França a admirável Roland ia às grades d'um cárcere animar os desventurados republicanos, elas hoje nos animam a trabalhar na grande obra que edifica a humanidade. Com razão a ninguém mais que a mulher assiste o direito de enxugar lágrimas. Socorrer a miséria, mitigar dores é a sublime missão que nos contou a Providência.⁷⁹

Essa visão sobre a mulher pronta para cuidar das dores alheias seria retomada em seu romance “A Rainha do Ignoto”, e ressaltada na missão da Rainha e suas companheiras na prática da caridade pelo país, libertando os escravos que viviam sob o controle de um senhor verdugo.

⁷⁸ PEDRO II, Fortaleza, 1882, FREITAS, Emília. Poesia.

⁷⁹ O LIBERTADOR, Fortaleza, 10 jan. 1883.

Depois de ter tido presença ativa na libertação dos escravos, no desfecho desse movimento Emília foi um dos Anjos do Quadro de Luz apresentado na sessão solene de libertação da Província cearense, “encarnação brilhante do nosso patriotismo”⁸⁰ representando a região de União, terra de seu nascimento, como salientou o jornal *O Libertador*.⁸¹ Naquela campanha, considerada humanitária para os padrões da época, grande projeção também coube a Maria Thomazia, Clotildes Barbosa, Izabel de Oliveira Paiva, Emília Nepomuceno, João Cordeiro,⁸² Frederico Augusto Borges, Catão Mamede, Antônio Bezerra, Justiniano de Serpa, Augusto Xavier, Oliveira Paiva, B. Forte e Juvenal Galeno.

O empenho de Emília na propagação da campanha, especialmente por meio de poesias escritas para este fim, publicadas na imprensa e declamadas em público, terminou por render que fosse cognominada “Poetisa dos Escravos”. Por toda a sua dedicação a essa causa é possível afirmar que Emília se destacou como poucas do seu tempo, visto que a maioria delas não percebia outros papéis que poderia desempenhar no seio da sociedade, restringindo-se aos afazeres familiares e domésticos, ou, quando mais, ao exercício do magistério.

A Revista do Instituto do Ceará registra, anos mais tarde: “percebe-se os pródromos do movimento abolicionista, que despertam os estros de Emília Freitas e Francisca Clotilde. Elas estrelam as colunas dos jornais com a comovente música humanitária das suas estrofes”,⁸³ síntese que bem caracteriza e reafirma o tom caridoso e humanitário das ações abolicionistas levadas a efeito naquela ocasião, aspecto que não deve servir para desmerecer ou desqualificar o movimento, além de destacar o importante papel de Emília no abolicionismo.

Na Imprensa

Rompendo com a primazia dos homens-jornalistas, a partir de 1873, portanto, com 18 anos de idade, Emília colaborou nos jornais *O Libertador*, *Cearense*, *O Lírio* e *A Brisa*, editados no Ceará, sendo que os dois últimos eram exclusivamente literários. Por toda essa contribuição foi cognominada pela crítica de seu tempo de “talentosa jovem e mimosa poetisa”. Da primeira temporada na imprensa (1873-1890) ela reuniu grande parte dos artigos dados a público nos jornais e lançou o livro *Canções do Lar*, em 1891.⁸⁴

Tendo se deslocado para o Norte do País, mais precisamente Manaus, a partir de 1892, teve oportunidade de ser colaboradora de diversos jornais como *Amazonas Comercial*, do qual seu esposo foi redator na capital amazonense. Curioso registrar que publicou uma série de artigos sob o título “De mulher para

⁸⁰ O LIBERTADOR, Fortaleza, 14 mar. 1884.

⁸¹ O LIBERTADOR, Fortaleza, 14 mar. 1884.

⁸² Presidente da Sociedade Libertadora Cearense, membro do Partido Liberal, foi republicano. Governou o Estado do Ceará nos primórdios da República. Foi deputado federal e senador da República e mais tarde, tendo sido nomeado pelo presidente Nilo Peçanha para governador do Acre, não chegou a assumir dado a resistências locais.

⁸³ REVISTA DO INSTITUTO DO CEARÁ, Fortaleza, 1937, p. 429, Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=166774&pesq=emilia%20freitas>. Acesso em: 21 jun. 2017.

⁸⁴ Obra editada pela Typographia Universal, de Fortaleza, situada a Rua Formosa, n.º 33, de Cunha & Ferro e Cia., com 310 p., e uma introdução especial, titulada: Aos censores.

mulher”, no jornal *Revelação*, do Estado do Pará, os quais servem para confirmar seu interesse pelos direitos da mulher, ou pelo menos por tratar de temas específicos relativos ao sexo feminino de forma esclarecedora.

Retornando ao Ceará, em 1900, período no qual fixou residência em Maranguape, com o apoio do marido, jornalista Arthunio Vieira, redator do jornal *Maranguapense*, voltou a contribuir com seus artigos pela imprensa. Da mesma forma que na fase anterior, nesses artigos quase sempre cuidava de expor suas ideias sobre abolição da escravatura, o progresso da sociedade e a educação, demonstrando pensamento avançado para a realidade da época, o que pode ser considerado como busca de quebra de paradigmas.

Na atividade de imprensa no Ceará esteve ao lado de destacadas mulheres de seu tempo como Francisca Clotilde, jornalista de escol, que atuava em veículos de cunho operário, literário, abolicionista, republicano ou feminino, mas com textos abertos a todos os públicos e escreveu nos seguintes jornais e revistas: *Cearense* (1877-1884); *Libertador* (1881-1891); *Revista Contemporânea* (1884); *A Quinzena* (1887-1888); *A Evolução* (1888-1889); *Gazeta do Sertão* (1893); *Ceará Ilustrado* (1894); *Iracema* (1895-1900); *O Combate* (1896); *A República* (1896-1901); *A Fortaleza* (1906); *Folha do Commercio* (1911); *O Domingo*; *A Cidade*; *A Ordem*; *Almanach do Ceará* (1897-1919); *Almanach das Senhoras Brazil/Lisboa* (1911); *O Lyrio*, de Recife (1902-1904); *O Bathel*, da Paraíba; *Paladino*, do Acre; *A Família*, de São Paulo (1881-1883) e do Rio de Janeiro (1883-1897); e *A Mensageira* (1897-1900), também paulista. Clotilde, também rompeu com os padrões daqueles anos escrevendo prosa, poesia, contos, crônicas, crítica literária, teatro, traduções, charadas e anúncios.

Ao que se vê não era somente Emília que atuava nos jornais, mais um grupo ainda que reduzido de senhoras, principalmente após 1875, como explica Luciana de Almeida em importante estudo:

Oscilando entre tradição e modernidade em relação à condição feminina, algumas conseguiam romper com as normas sociais que lhes eram impostas. Em sinal de redefinição de papéis, elas passam a ocupar novas funções e lugares. A campanha abolicionista do último quartel do século XIX foi, no Ceará, a valiosa oportunidade que elas encontraram para ingressarem no cenário das decisões, ao lado dos homens.⁸⁵

O jornal, para aquelas abnegadas, era considerado a “escola de patriotismo e instrução” compreensão que foi fortalecida com a criação da Sociedade Cearense Libertadora em 1880, e mesmo em um cenário grandemente adverso para as mulheres exercerem posição de destaque na sociedade além da família, algumas se expuseram e venceram tais barreiras como Alba Valdez, Ana Nogueira Batista, Emília Freitas e Francisca Clotilde, sendo que Clotilde e Emília se encontram entre as mais destacadas por estudiosos do tema, e que foram “na passada geração, os dois únicos nomes de escritoras que se tornaram conhecidas em nosso meio”.⁸⁶

⁸⁵ ALMEIDA, Luciana Andrade de. **Francisca Clotilde e a palavra em ação**: (1884-1921). Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp125468.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2017.

⁸⁶ ALMEIDA, Luciana Andrade de. **Francisca Clotilde e a palavra em ação**: (1884-1921). Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp125468.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2017.

Cabe a Emília a primazia de organização e circulação do primeiro jornal de propagação do Espiritismo no Ceará, na fase em que residiu em Maranguape, pelos meados do ano de 1900 a 1901.

Na Literatura

Consequência natural de sua dedicação ao jornalismo e às letras foi enveredar pela literatura, publicando livros. O primeiro deles foi editado sob o título de *Canções do Lar* (1891), depois o romance psicológico *A Rainha do Ignoto* (1899) e mais tarde outro romance sob o título de *O Renegado*, que produziu em conjunto com o esposo, o jornalista Arthunio Vieira.⁸⁷

Sobre *Canções do Lar*, Cunha Mendes, em crônica de jornal ao tempo do lançamento do livro, foi enfático, frio e duro com a seguinte afirmação: “o livro da poetisa aracatyense não se destaca nem pela nitidez do pensamento, nem pela arte,”⁸⁸ aliviando os leitores com os comentários que se seguiram: “vemo-lo cheio de sensibilidades, nele vemos o coração de uma mulher, d’uma poetisa, que canta muito tímida das lufadas tempestuosas, muito ao recata da lama que forma a sociedade.”⁸⁹

O único destaque favorável encontrado por Cunha Mendes que pode reduzir um pouco a acidez de seus comentários diz respeito à sensibilidade e à ingenuidade demonstradas pela autora: “E assim é que nas *Canções do Lar* encontramos muita sensibilidade e nada de arte”. [...] “Os quadros [...] tem a sensibilidade de quem olha o mundo, somente, tão somente, pelo prisma da ingenuidade”.⁹⁰

Observando o livro com lupa, Cunha ressaltou os possíveis cochilos da revisão, identificando erros gramaticais e de metrificação nos versos, dizendo encobri-los, mas sem perdoá-los: “Sobre esses erros gramaticais tão grosseiros, desço um véu espesso que os encubra, como também os de metrificação que ocorrem o páreo não menos com outros fatais ao talento da poetisa.”⁹¹

Foram poucos os versos constantes de *Canções do Lar* que mereceram elogio de Cunha, mesmo considerando que se tratava de uma página frágil, mais sensível, quando definiu que “seus cantos são suspiros de um coração e o seu coração é um cofre de santos sentimentos, de vagas melodias”.⁹²

Não custa indagar se tão violento comentário se revestia também de discriminação, afinal, se tratava de mulher, audaciosa mulher que vinha rompendo os limites impostos naqueles anos, entretanto essa crítica isolada e ácida, não pode deixar de ser registrada, mas, ao mesmo tempo, não deve servir de parâmetro que desqualifique os versos de Emília Freitas.

⁸⁷ Há registros de que teria publicado **Canções do Lar**. Poesia. Fortaleza: Typographia Rio Branco, 1891.

O Renegado. Romance. Fortaleza: [s.n.] [ca.1890]. Deste último não há maiores informações nem mesmo de pessoas mais próximas a ela.

⁸⁸ MENDES, Cunha A. (Almando de Castro). ESTADO DO CEARÁ, Fortaleza, 17 jun. 1891, p.2.

⁸⁹ Idem, idem, idem.

⁹⁰ Idem, idem, idem.

⁹¹ Idem, idem, idem.

⁹² Idem, idem, idem.

Outra estudiosa da vida e obra de Emília, Alcilene de Oliveira, detalha melhor o seu livro de poemas, explicando como ele está composto, inclusive em relação aos temas abordados:

Canções do Lar é uma coletânea de poemas que a escritora escreveu entre 1875 e 1888, sendo que alguns deles foram publicados em periódicos locais, e outros, declamados em eventos comemorativos de associações, de clubes e de escolas de Fortaleza. Em tal coletânea, constam vários poemas em memória de familiares da escritora e de amigos dela como, por exemplo, o que ela dedica à também escritora Francisca Clotilde (Freitas, 1891, p. 154). Além desse tipo de poema, Emília Freitas fez, entre outros, alguns evocando a sensibilidade para com o sofrimento de negros escravos, bem como referentes a questões políticas, revelando tanto seu envolvimento com o abolicionismo cearense, em função, inclusive, de sua religiosidade, quanto uma certa herança do liberalismo paterno (Freitas, 1891, p. 17-53). É interessante notar que muitos desses poemas, que eram recitados pela cidade, trazem aspectos da sociedade da época como, por exemplo, o poema Libertação da Província do Ceará, que é uma homenagem ao Ceará por ter sido a primeira província do Brasil a abolir a escravidão.⁹³

Sua obra literária, ainda não está plenamente reconhecida na literatura brasileira. O livro que tem merecido vários estudos acadêmicos é o romance *A Rainha do Ignoto*, considerado distante do predomínio do realismo-naturalismo que havia em 1899. Esse livro, em razão da temática e por ser mulher não teve repercussão, vindo a merecer, muitos anos depois (1953), uma primeira análise crítica da lavra de Abelardo Montenegro que o desqualifica. Havia sido, segundo Montenegro, uma tentativa de romance delirante, romance psicológico, assemelhando-se ao que poderia ser uma obra psicografada, em que ela procura estudar a alma da mulher.⁹⁴

Régia da Silva, em estudo recente procura conhecer amiúde a narrativa exposta e descobrir a intenção da autora em busca de compreender a mulher, a abolicionista, a escritora, a professora e como ela trabalhava com os “jogos do feminino” e a “alma feminina”, a partir de personagens como “Rainha, Diana e Funesta”. E conclui:

Por isso entendemos que não existe por parte de Emília Freitas um desconhecimento do que estava em voga no mundo literário de sua época, mas que, antes de tudo, a autora fez uma escolha, ou seja, ao invés de procurar “padrinhos”, “moldes” ou “pedantismos charlatões”, a autora preferiu, através da observação e da concentração (características ironicamente naturalistas!), estudar a alma feminina. Acreditamos que essa opção não a afasta de uma visão crítica da sociedade. Emília foi uma mulher combativa e sua obra “A Rainha do Ignoto” é merecedora de uma leitura atenciosa e crítica por parte dos historiadores.⁹⁵

⁹³ OLIVEIRA, Alcilene Cavalcante de. **Entre a palavra e a música**: o horizonte de leitura de Emília Freitas – escritora cearense do século XIX, p.13. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/viewFile/1123/765>

⁹⁴ MONTENEGRO, Abelardo. Fortaleza, 1953, p.77.

⁹⁵ SILVA, Régia Agostinho da. **Emília Freitas e a escrita de autoria feminina no século XIX**. Disponível em: http://www.outrostempos.uema.br/revista_vol7_9_pdf/regia_agostinho.pdf. Acesso em: 21 jun.2017.

Analisando a obra, Alcilene Oliveira define bem os temas e a profundidade de assuntos que Emília tratou:

Em meio à trama, que faz incursão pelo gênero fantástico e pelo gênero maravilhoso, a autora se refere ao Espiritismo, à Psicologia, à Hipnose, ao Estoicismo, ao Positivismo, às Ciências Naturais, à Maçonaria, ao Abolicionismo, ao Republicanismo, ao feminismo, ao amor, à solidão, à angústia, enfim a uma série de assuntos próprios de sua época, que revelam tanto a circulação de ideias na sociedade cearense oitocentista, como demonstram o quão concatenada Emília Freitas estava com tais ideias, apesar da cultura patriarcal e de residir na “periferia do império”.⁹⁶

Anos mais tarde *A Rainha do Ignoto* teve uma segunda edição, com pesquisa, organização, atualização ortográfica, apresentação crítica e notas feitas por Otacílio Colares, publicada em Fortaleza pelo Governo do Estado, e uma terceira edição, em 2003, com atualização do texto, introdução e notas de Constância Lima Duarte, dessa feita em Florianópolis, o que deveria facilitar o acesso dos interessados, mas a precária circulação de obras literárias no País termina por prejudicar o autor e os estudos de crítica literária. Mesmo assim são diversos os trabalhos acadêmicos que, nos últimos anos, têm apreciado esse romance sob vários aspectos, recolocando a obra e a autora conforme o cenário da época.

Ainda que possa representar ufanismo, vale assentar a opinião sobre a romance de Emília, quase que ao modo de sua coluna por ela escrita nos jornais, “de mulher para mulher”,

A Rainha do Ignoto é um livro desconcertante, não só pelo pioneirismo dos temas que aborda, como também pela maneira pela qual trata deles. Assim, podemos considerá-lo nossa primeira obra de esoterismo, o primeiro livro fantástico, a primeira ficção científica, a primeira utopia social e o primeiro livro feminista do Brasil. Sendo tanto, é de se espantar a demora em reabilitá-lo no âmbito da literatura brasileira, já que é documento necessário a compreensão dos seus caminhos e das questões que levanta.⁹⁷

A esse respeito salienta Batista de Lima em curto artigo sobre a mulher na literatura cearense,

Emília Freitas, Francisca Clotilde e Rachel de Queiroz são casos de mulheres marcantes na literatura cearense. A primeira lançou ainda no século XIX seu livro *A rainha do ignoto*, que já está na terceira edição, numa narrativa fantástica, é um livro que apresenta uma feição feminista da mulher numa sociedade matriarca!⁹⁸

Quanto ao romance *O Renegado* os registros conhecidos dão conta de haver sido obra elaborada em conjunto com seu esposo, o também jornalista

⁹⁶ OLIVEIRA, Alcilene Cavalcante de. **Entre a palavra e a música**: o horizonte de leitura de Emília Freitas – escritora cearense do século XIX, p. 14. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/viewFile/1123/765>

⁹⁷ Lucio, Eduardo. CLÁSSICOS DA LITERATURA BRASILEIRA. <http://classicosdaliteraturabrasileira.blogspot.com.br/2013/03/critica-emilia-freitas.html?m=1>

⁹⁸ LIMA, Batista. A MULHER NA LITERATURA CEARENSE. Disponível em: http://www.academiacearensedelettras.org.br/revista/Colecao_Diversos/Mulher_Literatura/ACL_A_Mulher_na_Literatura_04_A_mulher_na_Literatura_Cearense_BATISTA_DE_LIMA.pdf

Arthunio Vieira, mas são desconhecidos a data da edição e o texto, assim como qualquer estudo acadêmico ou literário, o que impede maior apreciação a respeito.

Experiência em terras amazônicas

A passagem de Emília Freitas pelo Amazonas deu-se em duas oportunidades. A primeira de 1892 até meados de 1900, e a segunda depois de uma breve temporada no Ceará em 1900, a partir de data ainda não esclarecida, possivelmente de 1902 até 1908, quando de seu desencarne. Esses momentos parecem ter servido não só para reescrever o caminho trilhado por dois de seus ancestrais, personalidades importantes para a igreja católica e que estiveram, pelo menos, em Belém, Manaus e Manicoré, oferecendo importante contribuição ao ensino e ao fortalecimento da religiosidade do povo. Vale considerar, de pronto, por essa observação, que não se trata somente de destacar o trajeto de muitos cearenses anônimos e de fundamental importância para o desenvolvimento da Região, conterrâneos de Emília, mas, também, a trajetória de monsenhor Bruno Figueiredo e de monsenhor Luiz Gonzaga, seus ancestrais, conforme registro do barão de Studart.

Monsenhor Bruno Rodrigues da Silva Figueiredo⁹⁹ nasceu em 1852, deslocando-se para Manaus depois de formado pelo Seminário do Ceará. Lecionou em sua terra natal, foi professor de latim do Liceu Amazonense, do Seminário local, do Externato São José e do Colégio Santa Tereza. Como jornalista escreveu para o *Libertador*, *Commercio do Amazonas* e *Verdade*, contribuindo para a causa abolicionista. Na hierarquia da Igreja Católica teve importante ascensão, chegando a recusar a mitra de bispo do Amazonas, mas depois foi cônego honorário da Sé do Pará e bispo do Ceará.¹⁰⁰

Luís Gonzaga de Oliveira, nascido em 1852, depois de estudar no Seminário do Ceará desde 1873, em 1878 seguiu para a Província do Pará na qual concluiu os estudos (1880) e foi ordenado por dom Antônio Macedo Costa, sendo logo em seguida designado para coadjutor da Sé de Belém e professor do Seminário Menor do Pará. Anos mais tarde foi vigário de Manicoré no Amazonas (1881), e pouco tempo depois professor do Seminário de Manaus, do qual também foi vice-reitor e reitor (1884-85), sendo designado cônego no Pará e, tempos adiante, capelão do Hospital da Sociedade Beneficente Portuguesa do Amazonas.¹⁰¹

Talvez sem conhecer essa experiência de seus familiares mais distantes, Emília se deslocou para Manaus em 1892 na companhia de Alfredo Freitas, seu irmão, transferindo residência do Ceará. Na capital amazonense foi professora e examinadora escolar, lecionando no Instituto Benjamin Constant e no quinto Grupo Escolar da capital, tendo atuado ao lado da professora Tereza Mayorca em banca de exames finais que esteve sob a presidência do Inspetor Escolar e professor Ovídio da Gama Lobo, na escola da Estrada de Nazareth, à época sob a responsabilidade da professora Arya Firmina da Silva (1900).¹⁰² Cerca de trinta dias depois desse exame escolar Emília entrou em gozo de

⁹⁹ Trata-se do bisneto do tio-bisavô de Emília Freitas.

¹⁰⁰ Idem, idem, p. 182-183.

¹⁰¹ Idem, idem, p.288-289.

¹⁰² JORNAL DO COMMERCIO, Manáos, 3 jul. 1900.

férias, mas visando tratamento de saúde com gozo na sua terra natal.¹⁰³ Esta viagem foi a de retorno ao Nordeste, ainda que por pouco tempo porque voltaria a residir em Manaus na companhia do esposo.

Sua passagem inaugural no Amazonas (1892-1900) marcou o período em que escreveu seu primeiro romance, traduziu contos e exerceu o magistério, e na segunda fase, tendo trazido do Ceará uma tipografia, se dedicou a editar os jornais *O Progresso* e *Luz e Fé*, utilizados para promoção e divulgação de ideais espíritas, a tratar sobre republicanismo, críticas político-sociais, cultura e artes.

Exerceu o magistério em Manaus de 1893 a 1900, primeiro em substituição, em escolas isoladas como era comum naqueles anos da República, e logo em 1893, portanto, um ano após sua chegada a capital amazonense era examinadora escolar porque conforme o Regulamento do Ensino as turmas eram examinadas por professores ou banca de professores diferentes daqueles que lecionavam durante o período regular de aulas.

Estando lotada e em exercício nas aulas do ensino primário do Instituto Benjamin Constant, em 1895 foi removida para a vaga da professora Maria Carneiro Santiago, na escola do 3.º distrito de Manaus,¹⁰⁴ onde desempenhou a função até novembro quando foi deslocada para a escola da Cachoeira Grande, em lugar da professora Eulália Lopes Barroso da Silva Ramos, oportunidade em que trabalhou com Elvira Pereira e Antônio Alves Muniz, condição em que permaneceu ainda em 1896.¹⁰⁵

Em 1898 foi designada como professora auxiliar lotada no Grupo Escolar José Paranaguá,¹⁰⁶ e, em seguida, deslocada para a escola da Estrada Dr. Moreira¹⁰⁷ tendo sido examinadora na cadeira mista de ensino primário do bairro de Campina, a qual era regida pela professora Palmira Maia,¹⁰⁸ até que no ano seguinte participou de concurso para o exercício do magistério na escola do Girão, disputando vaga com Adelaide Correa e Guilhermina Cabral.¹⁰⁹ É possível concluir que tenha sido aprovada nesse concurso porque não mais foram localizadas designações em substituição e em 6 de julho de 1900 ainda estava como professora em Manaus, inclusive como examinadora escolar.¹¹⁰

Os registros de imprensa indicam ter requerido afastamento do serviço, com licença para tratamento de saúde, em 29 de agosto de 1900, cumprindo em viagem ao Estado do Ceará¹¹¹, dando-se seu retorno à terra de nascimento já acompanhada do esposo, Arthunio Vieira, visto que seu casamento foi realizado na capital amazonense em maio de 1900.¹¹² Foi exatamente a viagem feita a Maranguape, região interiorana do Ceará, próxima a capital, na qual desempenhou papel importante na propagação da Doutrina e no jornalismo, ainda que em breve temporada.

¹⁰³ DIÁRIO OFFICIAL, Manáos, 29 ago. 1900.

¹⁰⁴ DIÁRIO OFFICIAL, Manáos, 9 jan. 1895, p.1.

¹⁰⁵ DIÁRIO OFFICIAL, Manáos, 27 fev.1896, p.1.

¹⁰⁶ A FEDERAÇÃO, Manáos, 11 nov. 1898, P.2.

¹⁰⁷ DIÁRIO OFFICIAL, Manáos, 1 jul. 1898, p.1.

¹⁰⁸ DIÁRIO OFFICIAL, Manáos, 3 jul. 1898, p.14.246.

¹⁰⁹ A FEDERAÇÃO, Manáos, 11 jan. 1899, p.1.

¹¹⁰ DIÁRIO OFFICIAL, Manáos, 6 jul. 1900, p.18835.

¹¹¹ DIÁRIO OFFICIAL, Manáos, 29 ago. 1900, p.1.

¹¹² REPÚBLICA, Belém, 31 mai. 1900, p.2.

Pelas informações conhecidas, especialmente em Carlos Bernardo Loureiro, nessa época o casal poderia estar atuando em Belém do Pará, onde

a propaganda na capital segue lentamente o seu curso. A tentativa, porém, feita por um moço de boa vontade, o Sr. Arthunio Vieira, no sentido de a encaminhar na imprensa doutrinária, fundando sucessivamente, no ano passado, o *Sophia* e a *Luz e Fé*, não parece ter sido bem sucedida, por isso que a sua publicação se acha há algum tempo suspensa, embora com promessa de ser recomeçada.¹¹³

No retorno a capital amazonense prosseguiram com o mesmo empenho na divulgação da Doutrina de Kardec. O movimento espírita, entretanto, ainda podia ser considerado pouco difundido, especialmente pelo grande território interiorano, mas em Manaus havia vários grupos e casas espíritas e um jornal com circulação regular sob o título de *Mensageiro* dando-se logo em seguida fundação da Federação Espírita Amazonense.

A TRAJETÓRIA DE ARTHUNIO VIEIRA

Nascido em 1.º de abril de 1865, em Pernambuco¹¹⁴, Arthunio Vieira era filho de José Antônio dos Santos Vieira e dona Senhorinha Vieira. Os registros conhecidos indicam que o casal teve dois filhos: Arthunio e Argemira. Argemira Vieira casou-se com Manoel Moreira Reis e desencarnou na Freguesia de Santo Antônio, no Recife, em abril de 1893,¹¹⁵ aos 28 anos de idade, por meningite aguda,¹¹⁶ com missa na Matriz de São José,¹¹⁷ tendo mantido intensa vinculação à Igreja Católica, inclusive integrando a Irmandade do Espírito Santo (1891-92),¹¹⁸ tal como sucedeu com Arthunio.

Manoel Reis foi aluno do Ginásio Pernambucano (1880),¹¹⁹ integrou irmandades da Igreja Católica como a da Virgem Nossa Senhora do Terço (1888)¹²⁰ em cuja convivência pode ter-se dado a relação pessoal com Argemira. Era filho do abastado comerciante Antônio Moreira Reis (Antônio Mocotó), proprietário do engenho “Ypiranga”, e irmão de Carlos e Joaquim Moreira Reis, que terminaram por se envolver em disputa por herança, resultando no fratricídio de Joaquim.¹²¹

¹¹³ Carlos Bernardo Loureiro (org.) Bicentenário de Allan Kardec. Disponível em: [http://bvespirita.com/Bicentenario%20de%20Allan%20Kardec%20\(Carlos%20Bernardo%20Loureiro\).pdf](http://bvespirita.com/Bicentenario%20de%20Allan%20Kardec%20(Carlos%20Bernardo%20Loureiro).pdf). Acesso em: 20 set. 2017.

¹¹⁴ Referência em contrário pode ser encontrada em Catálogo de Obras Raras ou Valiosas. Disponível em: <http://www.fcp.pa.gov.br/images/dli/gbpav/espacos/obrasraras/pdf/cov.pdf>, Acesso em: 20 set. 2017, que assinala ter ele nascido na mesma data, porém em Belém do Pará.

¹¹⁵ DIÁRIO DE PERNAMBUCO, Recife, 9 abr. 1893, p.6.

¹¹⁶ DIÁRIO DE PERNAMBUCO, Recife, 8 abri. 1893, p.2.

¹¹⁷ DIÁRIO DE PERNAMBUCO, Recife, 11 abr. 1893, p.3.

¹¹⁸ JORNAL DO RECIFE, Recife, 23 mai. 1891, p.3.

¹¹⁹ DIÁRIO DE PERNAMBUCO, Recife, 21 out. 1880, p.4.

¹²⁰ DIÁRIO DE PERNAMBUCO, Recife, 8 ago. 1888, p.3

¹²¹ JORNAL PEQUENO, Recife, 17 set. 1902, p. 1.

Como é sabido, os registros de imprensa são sempre escassos, muito mais em relação às mulheres, salvo em casos de natalício, estudos na Escola Normal, viagem em paquetes nacionais ou notas de falecimento, o que dificulta grandemente qualquer pesquisa a respeito de Senhorinha Vieira. Mesmo assim é possível considerar que tenha nascido e tido formação pessoal e familiar em Pernambuco, talvez no Recife, em cuja cidade há registros de imprensa dando conta da vida profissional de seu esposo, e de onde teria viajado em 10 de maio de 1898 para o Pará, no vapor São Salvador,¹²² naturalmente para residir com seu filho Arthunio que ali se encontrava e com o qual depois se deslocou para Manaus.

Sobre o pai, José Antônio, há notícias que destacam ter sido um dos procuradores da festa religiosa da Gloriosa Virgem da Conceição, na capela de Coqueiro, em Pernambuco (janeiro de 1864), ao tempo em que o vigário era o padre Manoel Joaquim Xavier Sobreira.¹²³ Tratava-se de comerciante de taberna, instalado na Rua Rangel, n.º 49, no Recife, que foi levado a vender seu estabelecimento em 1866,¹²⁴ sendo possível deduzir que tenha sido por dificuldade financeira, visto haver aviso de que a venda se processava “com consentimento de seus credores”.¹²⁵

Em 1889 foi integrado à Irmandade do Espírito Santo do Recife,¹²⁶ o que representava algum *status* não só devocional católico, mas também de alguma posse material, a seguir comprovada quando se verifica que era pequeno comerciante. Pouco depois integrou o Tribunal do Júri Popular da capital de Pernambuco como residente na Freguesia do Recife (1892), quando outras freguesias como as de Santo Antônio, São José, Boa Vista, Graça, Afogados, Poço e Várzea também tinham cidadãos escolhidos para essa importante função,¹²⁷ sendo juiz o Dr. Marco Túlio dos Reis e Lima.¹²⁸ Em 1898 integrava o grupo de membros do Júri sob a presidência do Dr. João Joaquim de Freitas Henriques,¹²⁹ mas já representando a Freguesia de Santo Antônio, o que sugere que tenha mudado seu local de residência. Vale ressaltar que integrar o Júri encarregado de apreciar os processos de crimes contra a vida, conforme o Código Penal, postos sob a apreciação da sociedade, representava certa importância e reconhecimento social.

José Antônio desencarnou em 21 de agosto de 1893, e a missa de sétimo dia anunciada para a igreja do Espírito Santo, no Recife, mas, inusitadamente, não foi realizada “por falta de padre”.¹³⁰ O que torna o fato ainda mais curioso é que quando José Antônio desencarnou, era procurador do patrimônio da Irmandade do Divino Espírito Santo, do Recife,¹³¹ portanto, pessoa com considerável influência e reconhecimento na Irmandade. A missa de trinta dias foi rezada na igreja do Divino, em 21 de setembro de 1893, atendendo encomenda feita por sua esposa, Senhorinha Vieira, seu filho Arthunio Vieira e seu genro, Manoel Moreira Reis, possivelmente os familiares

¹²² JORNAL DO RECIFE, Recife, 12 mai. 1898, p.2.

¹²³ DIÁRIO DE PERNAMBUCO, Recife, 9 jan. 1864, p.2.

¹²⁴ DIÁRIO DE PERNAMBUCO, Recife, 29 set. 1866, p.4.

¹²⁵ Idem, idem, idem.

¹²⁶ JORNAL DO RECIFE, Recife, 14 jun. 1889, p.2.

¹²⁷ DIÁRIO DE PERNAMBUCO, Recife, 29 jan. 1892, p.3.

¹²⁸ DIÁRIO DE PERNAMBUCO, Recife, 29 mar. 1892, p.3.

¹²⁹ DIÁRIO DE PERNAMBUCO, Recife, 21 jan. 1898, p.5.

¹³⁰ JORNAL DO RECIFE, Recife, 30 ago. 1893, p.4.

¹³¹ JORNAL DO RECIFE, Recife, 7 set. 1893, p.4.

mais próximos, a considerar a tradição da época no caso de convites para missas pelo falecimento.¹³²

A trajetória de Arthunio Vieira

Arthunio nasceu e desenvolveu seus estudos no Recife, inclusive na Escola Normal. Foi jornalista, artista, professor e dramaturgo em sua terra natal, atuando depois em Belém e Manaus nessas mesmas áreas além e como conferencista e orador espírita.

O jornalista

Mesmo tendo desempenhado várias funções e atividades, Arthunio Vieira foi principalmente jornalista, com atuação em Pernambuco e nas duas grandes cidades do Norte do País (Belém e Manaus). Quando era ainda muito jovem já há notícia de seu desempenho na imprensa pernambucana. De 1893 a 1899 atuou na capital paraense em diversos jornais, seja como redator ou publicando artigos assinados, dentre os quais se destacam: “A Olivia”,¹³³ “Contra factos”,¹³⁴ e a coluna “Casos e Coisas”¹³⁵ publicada por algum tempo, além de “Sonambulismo”,¹³⁶ “Rio Grande”,¹³⁷ “O que é o Kindergarten”.¹³⁸

Trabalhando desde os doze anos de idade, segundo suas próprias declarações, Arthunio esteve durante muito tempo sob as ordens de Antônio Lemos no jornal *A Província* de Belém e convivendo em amizade próxima com Fran Pacheco,¹³⁹ o que sinaliza ter tido uma atuação em grupo de jornalistas polêmicos, mas de grande influência na política paraense, por muitos anos. Ainda na capital paraense escreveu no jornal *Euterpe*, da associação do mesmo nome, publicando artigo especial em homenagem ao maestro Carlos Gomes, na edição de n.º 3,¹⁴⁰ e dirigiu o jornal mensário *O Anjo do Lar*, da entidade Asilos Internacionais Protetores da Infância.¹⁴¹

Ao se transferir para Manaus em fins de 1899 foi anunciado como novo diretor econômico do jornal *Amazonas Comercial*, mas, segundo notícia de imprensa, seria o redator desse veículo em lugar de Leônidas e Sá, até então considerado intocável na função. Se isso representava intriga ou verdade, naquela ocasião não era possível saber ao certo, mas a comprovação do verdadeiro papel que lhe cumpria a desempenhar veio depois em nota de outro jornal:

Esta notícia adrede forgicada para de alguma forma atenuar o choque sofrido pelo Dr. Leônidas e Sá, é completamente destituída de fundamento, pois não há ninguém em Manaus que não saiba que o Sr. Arthunio Vieira, veio expressa e exclusivamente para tomar conta da redação do dito jornal, na qualidade de seu redator principal,

¹³² JORNAL DO RECIFE, Recife, 21 set 1893, p.1.

¹³³ CORREIO PARAENSE, Belém, 23 fev. 1893, p.2.

¹³⁴ A PALAVRA, Belém, 17 dez. 1895, p.6.

¹³⁵ PARÁ, Belém, 25 dez 1898, p.1.

¹³⁶ A TRIBUNA, n. 16, p.2.

¹³⁷ PARÁ, Belém, 29 dez, 1898, p.2.

¹³⁸ PARÁ, Belém, 7 jan. 1899, p.1.

¹³⁹ PARÁ, Belém, 17 jun. 1898, p.1

¹⁴⁰ PARÁ, Belém, 17 dez. 1898, p.2.

¹⁴¹ PARÁ, Belém 12 nov. 1898, p.2.

sendo, portanto, todos os artigos que forem ali publicados sujeitos a sua censura.¹⁴²

Poucos dias depois essa nota seria confirmada pelos fatos visto que Arthunio assumiu o comando geral do jornal,¹⁴³ não sem antes visitar as redações de vários jornais apresentando cumprimentos, naturalmente em busca de boas relações profissionais.¹⁴⁴ Em sua companhia se transferia para Manaus dona Senhorinha Vieira, sua mãe, e Elizia Vieira.¹⁴⁵

Seu embarque de Belém para Manaus deu-se em maio de 1899, mesma época em que se afastou da redação do jornal *Pará*, zarpando da capital paraense em 15 daquele mês, oportunidade em que “muitos amigos correram a bordo para saudá-lo”¹⁴⁶ em despedida, como João Malcher, Mariano de Aguiar, Antônio Miguel Pinto, Eduardo Ferreira, além de uma comissão da Sociedade União e Perseverança.¹⁴⁷

Atividade Artística: o dramaturgo

Os registros disponíveis demonstram que Arthunio tinha grande afinidade com as artes, especialmente as cênicas, para a qual produziu e dirigiu algumas peças e operetas, seja em Belém como em Manaus.

O movimento artístico desde há muito tinha vida e animação especial na capital amazonense, mas a partir de 1895, com a proximidade da inauguração do Teatro Amazonas ainda se desenvolveu mais, o que veio a ser coroado por temporadas líricas e de grupos de amadores que foram sendo organizados por dedicação às artes cênicas. Um desses grupos e que alcançou destaque foi o “Arcádia Dramática” criado naquela época e que escolheu Arthunio para seu diretor geral. Por outros afazeres, possivelmente, ele não aceitou os encargos de direção, mas não deixou de atuar como artista quando das apresentações do grupo. Tratava-se de um movimento importante na cidade, iniciado em 8 de novembro de 1895 e que reuniu expressivo grupo de apaixonados pelo teatro como Evaristo Wanderley, João Braga, Costa Júnior, S. Monteiro, V. Lajes, dentre outros.¹⁴⁸

Dentre as várias montagens de que participou destaca-se a de “Gaspar – o serralheiro” levada ao palco do Eden-Theatro e na qual ele fez o papel de Leônidas, o vagabundo. Sua atuação foi elogiada pela imprensa salientando que seu “desempenho foi encarregado ao talentoso amador Arthunio Vieira e não podia ter melhor interpretação. O Arthunio, na última cena do segundo ato, foi o que devia ser.”¹⁴⁹

Além de artista, com atuação efetiva em cena, ele foi dramaturgo e produtor de teatro. Seus trabalhos foram apresentados no Recife, Belém e Manaus, em épocas distintas. Foi ainda compositor musical, e pelo menos uma

¹⁴² COMMERCIO DO AMAZONAS, Manáos, 25 mai. 1899, p.1.

¹⁴³ COMMERCIO DO AMAZONAS, Manáos, 30 mai. 1899, p.1.

¹⁴⁴ A FEDERAÇÃO, Manáos, 23 mai. 1899.

¹⁴⁵ A FEDERAÇÃO, Manáos, 23 mai. 1899. Não foi possível ainda, identificar o parentesco de Elizia com Arthunio.

¹⁴⁶

¹⁴⁷ PARÁ, Belém, 16 mai. 1899, p.2.

¹⁴⁸ DIÁRIO OFFICIAL, Manáos, 10 nov. 1895, p. 4581.

¹⁴⁹ DIÁRIO OFFICIAL, Manáos, 10 nov. 1895, p. 4581-4582.

das suas composições pode ser registrada, uma polca com letra e música apresentada no Recife em 1890.¹⁵⁰

Integrou a Sociedade “Gonçalves Dias” (1893), no Recife, entidade que realizava atividades literárias e júris históricos, da qual logo depois eleito presidente.¹⁵¹ Seu ingresso na entidade deu-se em solenidade especial sob a presidência de Souza Santos.¹⁵²

É autor do drama histórico “89 ou a queda da bastilha” levado à cena em 11 de agosto de 1892 no Teatro “Santa Isabel” no Recife, dividido em 5 atos e 5 quadros e apresentado pela Companhia Dramática, sob a direção de Antônio Coimbra, o qual foi ressaltado pela imprensa pelo “desempenho foi correto por parte dos artistas...”.¹⁵³ Tratava-se do ponto alto dos eventos comemorativos dos cursos jurídicos em Pernambuco,¹⁵⁴ ocasião em que o autor foi homenageado tanto em cena aberta como em discurso pelo acadêmico Gaspar Guimarães.

Seja pelo tema tratado como possivelmente pelo desempenho dos artistas, esse drama histórico voltou ao palco do mesmo teatro quando das comemorações da independência do Brasil, sendo mais uma vez, bem acolhido pelo público.

Durante sua permanência de Belém, Arthunio atuou bastante no teatro. Escreveu e apresentou a revista *O Círio*, no Teatro “Chalet”, em Nazareth. Tratava-se de uma “revista ligeira, escrita em cima da perna, para ser posta em cena num teatro de arraial, ainda assim ela tem o seu enredo, e no qual transparece uma cor perfeitamente local [...]”¹⁵⁵ “O final [...] é significativamente belo”,¹⁵⁶ escreveu e apresentou o drama sacro “Hossana”, com o grupo Pastoral “Moreninhas dos Parques”,¹⁵⁷ assim como o drama “A estrangeira e a burla” levado a cena no Teatro “Éden”, localizado na Praça Floriano Peixoto “com música leve e encantadora”¹⁵⁸ e que teria causado “excelente impressão.”¹⁵⁹ É de sua autoria a opereta “Zuleilla”, em três atos e sete quadros, apresentada no Teatro “Moderno”,¹⁶⁰ e também a opereta “Os 30 da 1ª. Companhia”, sob a direção de Virgílio Cordova,¹⁶¹ levada no Teatro “Moderno”. No bar “Paraense” ele fez apresentação artística especial juntamente com intelectuais como Vespasiano Ramos, Dejard Mendonça, Albano Vieira, e outros.¹⁶²

Em 1908, já em Manaus, apresentou “interessante trabalho teatral para ser lido perante os amadores do Grupo Dramático ‘Gil Vicente’”,¹⁶³ outra agremiação artística que se destacou naqueles anos.

Além disso, em 1923 atuou no Teatro do Luso Sporting Club em evento de homenagem à colônia portuguesa com a apresentação do drama histórico “A senhorinha de Belle Isle”, extraído do romance de Alexandre Dumas, na

¹⁵⁰ DIARIO DE PERNAMBUCO, Recife, 24 ago. 1892, p.2.

¹⁵¹ DIARIO DE PERNAMBUCO, Recife, 29 ago. 1893, p.2.

¹⁵² DIARIO DE PERNAMBUCO, Recife, 21 fev. 1893, p.2.

¹⁵³ Idem, idem, idem.

¹⁵⁴ DIÁRIO DE PERNAMBUCO, Recife, 9 ago. 1892, p.5.

¹⁵⁵ O PARÁ, Belém, 18 out. 1898, p.2.

¹⁵⁶ Idem, idem, idem.

¹⁵⁷ ESTADO DO PARÁ, Belém, 30 dez. 1917, p.2.

¹⁵⁸ ESTADO DO PARÁ, Belém, 25 jan. 1913, p.2.

¹⁵⁹ ESTADO DO PARÁ, Belém, 27 jan. 1913, p.2.

¹⁶⁰ ESTADO DO PARÁ, Belém, 20 mar. 1915, p.2.

¹⁶¹ ESTADO DO PARÁ, Belém, 11 mar 1917, p.4.

¹⁶² ESTADO DO PARÁ, Belém, 26 mar 1915, p.2.

¹⁶³ JORNAL DO COMMERCIO, Manáos, 16 ago. 1908.

companhia de Margarida Hyde. Na segunda parte desse espetáculo foi apresentada uma revista intitulada “Pela Fraternidade”, em um ato com três quadros (incluindo o eterno tema e recém-chegados) e uma *gran finale*, com os festejados artistas amadores J. Aguiar, A. Vieira, José Bernardes, A. Ferreira, Albertina Fonseca, Dolores Paes e Maria Reis. Foi um grande evento levado a efeito no Teatro “Alcazar”, na noite do dia 15 de setembro de 1923, com venda de ingressos em frisas, camarotes, cadeiras de plateia e na geral,¹⁶⁴ o que serve para demonstrar não só o interesse do público em espetáculos dessa natureza, como a organização do teatro amazonense naqueles anos de reduzidas possibilidades econômico-financeiras da população.

Esses dados, além de demonstrarem o longo interesse de Arthunio pelo teatro e a montagem de espetáculos variados, corrigem outro pesquisador que assinala que Emília teria retornado ao Ceará, em 1900, após enviuvar.

Atividade Literária

São várias as entidades e associações literárias que Arthunio integrou, seja no Recife e em Belém, não havendo informações de que tenha atuado nessa área em Manaus. Ao que se conhece, em 1890, no Recife, aderiu ao movimento para a criação da Sociedade de Homens de Letras, do qual participavam dentre outros Arthur Orlando, Vicente Ferrer, Adelino Freyre Júnior, Ayres da Gama e Clovis Bevilacqua,¹⁶⁵ apesar de não haver estado presente à reunião preparatória de fundação, realizada no Gabinete Português de Leitura.

Ainda como estudante da Escola Normal de Pernambuco Arthunio teve atuação destacada como orador e presidente do Clube Literário “Ayres Gama”, e na Sociedade Pedagógica Pernambucana em que se transformou o Clube, ambos dedicados à literatura, conferências e debates.

Em Belém ele integrou a Mina Literária, de cujo entidade foi secretário na companhia de Licínio Silva, sob a presidência de Bertholdo Nunes,¹⁶⁶ e da qual também participaram Álvares da Costa, Guilherme de Miranda, Maria Valmont, Theodoro Rodrigues, João Baena e João de Deus do Rego, dentre outros,¹⁶⁷ depois de haver participado da Associação Dramática e Recreativa e Beneficente (1895).¹⁶⁸

Um dos mais importantes destaques de sua atuação em Belém, foi constar da lista de intelectuais convidados para compor o grupo de fundação da Academia Paraense de Letras o qual tinha a liderança do barão de Marajó, e se compunha ainda por Enéas Martins, Serzedelo Correa, Paulino de Brito, Heliodoro de Brito, Barbosa Rodrigues, Arthur Lemos e Theodoro Rodrigues. O convite foi feito em nota pela imprensa, aliás, a mesma fórmula que foi utilizada em Manaus quando da organização da Academia Amazonense de Letras em 1917-1918. A iniciativa, ao que se sabe, não redundou na fundação da entidade.¹⁶⁹

¹⁶⁴ JORNAL DO COMMERCIO, Manáos, 15 set, 1923.

¹⁶⁵ DIÁRIO DE PERNAMBUCO, Recife, 8 jul. 1890, p.2.

¹⁶⁶ FOLHA DO NORTE, Belém, 24 mar. 1896, p.2.

¹⁶⁷ FOLHA DO NORTE, Belém, 26 ago. 1896, p.2.

¹⁶⁸ FOLHA DO NORTE, Belém, 24 dez. 1896, p.2.

¹⁶⁹ FOLHA DO NORTE, Belém, 14 mar. 1897, p.2.

Foi nessa condição de literato que Arthunio, anos mais tarde, participou da comissão julgadora dos prêmios a serem conferidos a trabalhos de diversos escritores, por ocasião dos festejos do Tricentenário da cidade de Belém.¹⁷⁰

Trabalhos publicados

Integrando a Mina Literária, do Pará, ou antes disso, ele publicou vários trabalhos literários, seja romance e dramaturgia, dentre os quais os romances *Os Internatos*, editado no Recife;¹⁷¹ o romance íntimo denominado *A Bordo*, editado na revista Tribuna do Rio Grande do Norte no qual tratava da “psicopatia de uma mulher” em uma viagem do Pará ao Amazonas, mais precisamente para Manaus, obra considerada de “estilo fácil e corrente, sem ginástica de frases, nem colorido, nem rebuscado: simples, de uma simplicidade sugestiva, que agradam que encanta que prende [...], páginas suaves, ligeiras”, no entendimento de Teotônio Freire.¹⁷²

Também foram publicados os textos para teatro e opereta: “89 ou a queda da bastilha” (drama histórico); a revista *O Círio*; o drama sacro “Hossana”; a opereta “Zuleilla”; e a opereta “Os 30 da 1ª. Companhia” assim como foi publicado “Dona Flor: psychologia duma mulherzinha da pá- virada”, romances em forma de folhetim “Sulita” e “Dois Amigos” (1910), especialmente lançados nas páginas do jornal *O Comércio*, de Abaetetuba, Pará.

Escreveu, ainda: a novela “Lucilla”; os romances “Tempestade num lar; “Sua majestade: o vício”; e, “Sulita”; e o livro espírita “O Espiritismo - ideias pervertidas”, além de ter contribuído para o livro didático “Gramática Infantil”. Com sua experiência no jornalismo foi fundador e proprietário dos jornais: *Belém*, de cunho informativo e circulação diária; *Luz e Fé*, jornal espírita de circulação quinzenal; e da revista *Sophia*, também espírita, de circulação mensal, valendo-se de sua própria e pequena tipografia, adquirida no Ceará, em 1900-1901.

Comentário crítico revelado na imprensa dá conta de que seus romances “foram escritos bem à gosto da época, cheios de intrigas, de cansativos diálogos, de situações difíceis; romances calcados em Eugène Sue, Georges Onhet, etc.”¹⁷³

Conforme o costume do seu tempo, especialmente em razão de pertencer à Mina Literária, Arthunio adotou, em muitas de suas produções literárias, o pseudônimo de “Silex”, com o qual escreveu vários artigos no jornal *O Pará*, inclusive tratando da literatura em Pernambuco¹⁷⁴ e do jornalista Natividade Lima.¹⁷⁵

Opinião de imprensa

¹⁷⁰ ESTADO DO PARÁ, Belém, 13 fev. 1917, p.3.

¹⁷¹ GAZETA POSTAL, Belém, 6 jan. 1894, p.3.

¹⁷² PARÁ, Belém, 24 dez. 1898, p.2.

¹⁷³ Eugène Sue (1804-1857). Trata-se de escritor francês, homem rico que acabou a fortuna do pai em noitadas parisienses e passou a escrever livros para sobreviver, ingressou na política e foi exilado ao tempo de Napoleão III.

Georges Onhet (1848-1918), romancista francês mais vendido em seu tempo.

¹⁷⁴ O PARÁ, Belém, 10 jul. 1998, p.2.

¹⁷⁵ O PARA, Belém, 22 abr. 1899, p.2.

Em meados de 1896, notícia de jornal dando conta de que Arthunio preparava um livro de contos, possivelmente com os artigos publicados no jornal *A Província*, assentou uma descrição que merece registro pelas suas particularidades:

distinto moço de letras, já vantajosamente, conhecido do mundo literário [...] Esse escrínio de boas joias a julgar pelas que nos tem dado pelas colunas d'A Província, e que sairá da biblioteca da Mina Literária, d'qual é digno sócio o seu autor, será galante e acomodo dos que apreciam as coisas da literatura.¹⁷⁶

Verdade que tais comentários foram publicados no jornal em que Arthunio exercia as suas atividades, tal como sucedeu anos depois (1899), no jornal *Pará*, na passagem de seu aniversário que, ao registrar a efeméride, não poupou elogios, afirmando:

moço inteligente, como o atestam seus belos escritos em jornais dessa capital e de Pernambuco, trabalhador infatigável e dedicado. [...] As suas qualidades nós as resumimos em poucas palavras: é um moço trabalhador, de uma atividade extraordinária, e, acima de tudo, é na amizade um belo exemplo, é, no coleguismo, um sincero.¹⁷⁷

Esses dois registros demonstram não só a sua qualidade como redator, jornalista e escritor, mas a forma como ele era visto pelos seus companheiros de imprensa, a desenhar a sua personalidade como profissional voltado para o trabalho, atencioso com os amigos, pessoa sincera e que se tornou amplamente conhecido e bem reputado na cidade de Belém para a qual havia se transferido de Pernambuco e na qual viveu e atuou por longos anos.

O Professor

Sua formação para o magistério foi realizada na Escola Normal de Pernambuco, na qual, em 1885, integrou o Clube Literário “Ayres Gama” do qual foi orador e presidente, a ele se dedicando por muitos anos.¹⁷⁸ O que se constata é que desde estudante Arthunio demonstrava interesse efetivo na carreira do magistério e que se envolveu em atividades literárias e artísticas na escola.

Em 1886 era aluno mestre da Escola,¹⁷⁹ cursando o 2.º ano,¹⁸⁰ quando foi reeleito orador do clube, tendo como colegas Vicente de Araújo Lima, Jose Cândido Medeiros, Eduardo Ferreira Penna e Hemetério da Cruz, dentre outros.¹⁸¹ Em 1887 foi eleito presidente do Clube Literário¹⁸² e participou ativamente de campanha em favor dos náufragos de grande embarcação.

Desde a Escola proferia conferências para os demais colegas em atividades organizadas pelo clube literário. Em 1886 falou sobre “Educação e

¹⁷⁶ DIÁRIO DE NOTÍCIAS, Belém, 19 jul. 1896, p.1.

¹⁷⁷ PARÁ, Belém, 1.º abr. 1899, p.2.

¹⁷⁸ DIÁRIO DE PERNAMBUCO, Recife, 8 set. 1885, p.2.

¹⁷⁹ DIÁRIO DE PERNAMBUCO, Recife, 22 jan. 1886, p.3.

¹⁸⁰ DIÁRIO DE PERNAMBUCO, Recife, 3 nov. 1886, p.4.

¹⁸¹ DIÁRIO DE PERNAMBUCO, Recife, 17 fev. 1886, p.3.

¹⁸² DIÁRIO DE PERNAMBUCO, Recife, 7 fev. 1887, p.2.

Instrução: semelhança e diferença”,¹⁸³ e “Vantagens das lições de cousas,”¹⁸⁴ e em 1888 sobre temas como “uma lição de cousas sobre a terra”¹⁸⁵ e “uma lição de cousas sobre o ar”,¹⁸⁶ oportunidade em que concluiu o terceiro ano da Escola sendo aprovado com distinção.¹⁸⁷

Ao mesmo tempo ampliava a sua participação na Igreja Católica, tradição de família e na qual desde bem jovem atuava com certo destaque, passando a exercer a função de secretário da Veneranda Irmandade Nossa Senhora da Luz, no Recife (1888).

Concluída a formação no magistério ele participou de concurso público para provimento da escola primária de Pesqueira, sendo aprovado em primeiro lugar.¹⁸⁸ Em seguida concorreu para a cadeira de ensino primário de Poço da Panella,¹⁸⁹ logrando ser o único candidato aprovado,¹⁹⁰ razão pela qual foi nomeado pela Secretaria da Instrução Pública para a referida função em 10 de abril de 1889.¹⁹¹

Na condição de professor e jornalista criou e dirigiu no Recife um jornal voltado para expor e discutir assuntos relativos à instrução pública, sob o título de *Estímulo*, na companhia de Theotônio Freyre e Elísio de Melo,¹⁹² ao mesmo tempo em que foi redator do jornal *Verdade* (1888), na capital pernambucana.¹⁹³ No ano seguinte (1889) integrava a Sociedade Recreativa Comercial, a qual representava em algumas solenidades,¹⁹⁴ mesma época em que retornou ao cargo de orador do Clube Literário “Ayres Gama”,¹⁹⁵ função que havia exercido nos primeiros anos de Escola Normal.

Seu empenho em favor da modernização da educação não cessava, tanto assim que passou a defender o tema pela imprensa e em conferências no Clube “Ayres da Gama”, pugnando pela completa reformulação da escola primária,¹⁹⁶ especialmente em artigos sob o título “A Escola na república”,¹⁹⁷ nos quais discutiu o regulamento do ensino de 1888, inclusive denunciando a farsa dos concursos públicos para professor.¹⁹⁸ Dentre as conferências que proferiu abordando temas dessa natureza merece destaque a que teve o título de “Reformas urgentes da Instrução Pública”,¹⁹⁹ proferida dias antes de sua participação no Congresso Instrutivo Pernambucano, realizado no Recife, em 1890.²⁰⁰

Em 1890 o Clube Literário “Ayres da Gama” foi dissolvido surgindo em seu lugar a Sociedade Pedagógica Pernambucana, de cuja organização

¹⁸³ DIÁRIO DE PERNAMBUCO, Recife, 21 mai. 1887, p.3.

¹⁸⁴ DIÁRIO DE PERNAMBUCO, Recife, 10 set. 1887, p.3.

¹⁸⁵ DIÁRIO DE PERNAMBUCO, Recife, 17 jun. 1888, p.3.

¹⁸⁶ DIÁRIO DE PERNAMBUCO, Recife, 10 ago. 1888, p.3.

¹⁸⁷ DIÁRIO DE PERNAMBUCO, Recife, 19 nov. 1887, p.2.

¹⁸⁸ DIÁRIO DE PERNAMBUCO, Recife, 21 fev. 1889, p.4.

¹⁸⁹ DIÁRIO DE PERNAMBUCO, Recife, 31 mar. 1889, p.5.

¹⁹⁰ DIÁRIO DE PERNAMBUCO, Recife, 15 abr. 1889, p.5.

¹⁹¹ DIÁRIO DE PERNAMBUCO, Recife, 25 abr. 1889, p.3.

¹⁹² DIÁRIO DE PERNAMBUCO, Recife, 7 out. 1888, p.3.

¹⁹³ DIÁRIO DE PERNAMBUCO, Recife, 9 out. 1888, p.3.

¹⁹⁴ DIÁRIO DE PERNAMBUCO, Recife, 15 jan. 1889, p.4.

¹⁹⁵ DIÁRIO DE PERNAMBUCO, Recife, 26 fev. 1889, p.2.

¹⁹⁶ DIÁRIO DE PERNAMBUCO, Recife, 29 set. 1889, p.2.

¹⁹⁷ DIÁRIO DE PERNAMBUCO, Recife, 5 jan. 1890, p.3.

¹⁹⁸ DIÁRIO DE PERNAMBUCO, Recife, 9 jan. 1890, p.3.

¹⁹⁹ DIÁRIO DE PERNAMBUCO, Recife, 10 jan. 1890, p.3.

²⁰⁰ DIÁRIO DE PERNAMBUCO, Recife, 26 jan. 1890, p.2.

Arthunio foi um dos líderes e presidente da direção provisória,²⁰¹ mesma época em que também foi examinador de várias escolas de ensino primário no Recife.

Nessa condição de professor, anos mais tarde, e já residindo em Belém, criou o Colégio “Casa do ABC”, dedicado à instrução primária e secundária, especialmente para o sexo masculino, destinado a funcionar como internato e externato, iniciado em 1898,²⁰² com sede na Avenida 16 de Novembro, n.º 121, Estrada São José, parte mais antiga da cidade. Era um colégio inovador. Oferecia atividades e aulas de educação física, trabalhos especiais, júri histórico, ideia da liberdade, ideia de justiça, educação estética, música, pintura, modelagem, escultura, arquitetura, educação cívica, direito eleitoral, poderes públicos, economia doméstica, política, natação, equitação, luta romana e dança.²⁰³ Portanto, um colégio modelar e estruturado conforme as teses que ele próprio defendia em conferências e artigos de imprensa, visando uma educação revigorada pela formação humanística.

No Clube Pernambucano

Da mesma forma que sucedeu em Manaus e em várias outras cidades que continham grande contingente de pernambucanos-residentes, Belém também teve seu clube pernambucano. Essa organização visava agregar os naturais de Pernambuco, estimular e promover o lazer e o entretenimento, mas também promover a ajuda mútua. Na capital paraense foi organizada a Associação Beneficente Pernambucana,²⁰⁴ da qual Arthunio foi segundo secretário, atuando ao lado de Ovídio Filho e Napoleão Silva, logo na primeira diretoria da entidade (1899).

Na política: abolicionista e republicano

Os movimentos abolicionistas e republicanos tomaram conta de várias cidades brasileiras, de forma crescente, animando, especialmente, a juventude e, em certa fase, as mulheres, os maçons, os jornalistas até alcançarem alguns políticos. No Recife não foi diferente, formando-se clubes e associações em favor da abolição da escravatura negra, de cujas atividades Arthunio participava em 1884, inclusive presidindo o Clube Abolicionista “Martins Júnior”, fundado em 18 de maio de 1884, na Paróquia da Boa Vista. Com ele estavam Rutilio de Oliveira, Manoel Chaves, Augusto Flavio Teixeira, Manoel Miranda e José Pimentel, mas coube a Arthunio a posição de liderança desse grupo de jovens e presidência da comissão de organização do estatuto da entidade.²⁰⁵

O interesse pela causa abolicionista também o aproximou do movimento republicano, levando-o a integrar o Clube Republicano de Poço de Panella, à época sob a presidência honorária do Dr. Martins Júnior (1892), período no qual Arthunio foi escolhido orador da entidade,²⁰⁶ e, movido pelo desejo de

²⁰¹ DIÁRIO DE PERNAMBUCO, Recife, 26 fev. 1890, p.2.

²⁰² O PARÁ, Belém, 24 jan. 1898, p.2.

²⁰³ O PARÁ, Belém, 17 fev. 1898, p.4.

²⁰⁴ O PARÁ, Belém, 26 abr. 1898, p.2.

²⁰⁵ DIÁRIO DE PERNAMBUCO, Recife, 10 mai. 1884, p.3.

²⁰⁶ DIÁRIO DE PERNAMBUCO, Recife, 5 jan. 1892, p.3.

contribuir para a renovação do cenário político e social do País, resolveu ser candidato a deputado estadual naquelas eleições.²⁰⁷

Poço de Panella era uma pequena comunidade do interior de Pernambuco, em cuja localidade era professor e artista, e, por isso, coube a Arthunio sediar o Clube Republicano em sua própria casa de residência desde a instalação ocorrida em 14 de fevereiro de 1892, sob a presidência de J.J. do Rego Barros,²⁰⁸ na época não mais tratando de defender a mudança de regime da monarquia, mas em busca de melhor definir a forma de república que mais de ajustasse ao Brasil, e atuando na propaganda republicana que foi sendo alargada pela região, como forma de consolidar o regime de 1889, missão que o levou a participar, também, da direção provisória do Clube Republicano de Afogados, na cidade do Recife.²⁰⁹

Outras atividades

Demonstrando versatilidade profissional, e, quem sabe, por necessidade de acomodação no mercado de trabalho, como eleitor registrado em Belém em 1898, residindo na Estrada São Brás,²¹⁰ no mesmo ano Arthunio foi secretário da diretoria do 3.º Distrito Sanitário Marítimo,²¹¹ sendo este o único registro identificado em sua carreira como servidor público estadual.

Destacado orador, coube a ele falar na solenidade de entrega de prêmios aos alunos do Liceu “Benjamin Constant”, ao lado de Raul de Azevedo e Santa Rosa,²¹² no Teatro da Paz, em evento que teve a presidência do Dr. Lauro Sodré.²¹³ A solenidade se revestiu de toda a pompa com presença de autoridades e políticos, à vista de Sodré encarnar poder de mando e ser a maior liderança político-partidária em todo o Estado, e com alguma relevância nacional.

Tempos depois, participou da Exposição Nacional do Rio de Janeiro (1908), como expositor pela representação do Estado do Pará, tendo sido um dos premiados.²¹⁴

Curioso observar que em dezembro de 1917, pode ser encontrado como solicitador com exercício junto à justiça em Belém, circunstância que induz à conclusão de que tenha tido alguma experiência no campo das ciências jurídicas, ou realizado o curso de formação em Direito.²¹⁵

O casamento

Pelos registros comuns na imprensa do Recife, de Belém e Manaus, Arthunio teve três casamentos. O primeiro, na capital pernambucana, realizado em 1890 com Lucinda Leopoldina Lalonde.²¹⁶ Tendo enviuvado casou-se em Belém, em 1898, conforme noticiam os proclamas que esclarecem que

²⁰⁷ DIÁRIO DE PERNAMBUCO, Recife, 2 fev. 1892, p.4.

²⁰⁸ DIÁRIO DE PERNAMBUCO, Recife, 13 fev. 1892, p.3.

²⁰⁹ DIÁRIO DE PERNAMBUCO, Recife, 15 mar. 1892, p.2

²¹⁰ O PARÁ, Belém, 21 jul. 1898, p.2.

²¹¹ O PARÁ, Belém, 19 nov. 1898, p.1.

²¹² DIÁRIO DE NOTÍCIAS, Belém, 24 jan. 1896, p.2

²¹³ FOLHA DO NORTE, Belém, 23 jan. 1896, p.2.

²¹⁴ GAZETA DE ALENQUER, Alenquer, 2 dez 1908, p.2.

²¹⁵ ESTADO DO PARÁ, Belém, 28 dez 1917, p.2.

²¹⁶ DIÁRIO DE PERNAMBUCO, Recife, 10 jun. 1890, p.2.

Arthunio era viúvo, 33 anos, jornalista, pernambucano de nascimento, filho de José Antônio dos Santos Vieira e dona Senhorinha Vieira, ele já falecido. Seu matrimônio foi com Deolinda Rodrigues Dias, que contava 18 anos de idade, era paraense, filha de Manuel Lourenço Dias e Maria Estefânia de Moraes Dias, já falecida, conforme pode ser constatado no edital de 4 de julho de 1898.²¹⁷ Em maio de 1900, sem que sejam conhecidas referências de que tenha enviuvado, portanto, dois anos depois, casou-se em Manaus com Emília Freitas.

Ao que se tem conhecimento Arthunio teria tido pelo menos três filhos: Lucillo,²¹⁸ Ernani, nascido em 1896²¹⁹ e Áurea, que seria a primogênita, com aniversário em 20 de julho,²²⁰ e em 1898 ainda era criança pequena.

Os dados publicados há tempos por Alcilene Cavalcante referem que Emília estava solteira até aos 37 anos, situação que, no seu entendimento representaria “certa ruptura com os padrões da época, uma vez que a faixa etária para a realização dos “consócios” era, em geral, de 14 anos para mulheres e 16 para homens”.²²¹ Está parcialmente certa a autora, porque o casamento de Emília e Arthunio foi realizado em Manaus em 14 de maio de 1900, portanto, quando ela já contava 45 anos de idade, e não os 37 anos referidos por Alcilene. O casamento foi realizado na Rua Sete de Dezembro, às 16h.

Ao que pode ser constatado, também nesse particular Emília teria rompido com os padrões e costumes da época, fato que não teria prejudicado sua relação conjugal com Arthunio Vieira, a qual, a partir das referências conhecidas, é possível concluir ter sido de convivência harmônica e de companheirismo na trajetória intelectual e pela imprensa, parecendo ter havido boa sintonia pessoal e profissional entre eles. Espíritos sensíveis para as artes e para o desenvolvimento harmônico e bem estar da humanidade, estiveram juntos em várias atividades, sejam públicas ou não, inclusive na literatura.

VIVÊNCIA NO MOVIMENTO ESPÍRITA: MISSÃO EM COMUM NA AMAZÔNIA

Emília Freitas (1855) e Arthunio Vieira (1865) reencarnaram em anos próximos, ainda que em províncias distintas, porém não muito distantes, Ceará e Pernambuco, e tiveram formação escolar idêntica e em família como era comum naqueles anos, e na Escola Normal visando a preparação para o exercício do magistério; sofreram com a perda dos pais de forma prematura; seguiram caminhos revolucionários idênticos, cada um em uma trajetória própria, seja na imprensa, nas lides literárias, nos movimentos abolicionistas e republicanos, pugnando por reforma do ensino e avanços sociais transformadores na sociedade.

A apreciação do desempenho pessoal de Emília e de Arthunio, tomado separadamente, ao longo de muitos anos, permite constatar uma sequência

²¹⁷ PARÁ, Belém, 13 jul. 1898, p.2.

²¹⁸ ESTADO DO PARÁ, Belém, 25 set. 1921, p.2.

²¹⁹ PARÁ, Belém, 3 fev. 1898, p.2.

²²⁰ PARÁ, Belém, 20 jul. 1898, p.2.

²²¹ CAVALCANTE, Alcilene. **A representação feminina em A Rainha do Ignoto, de Emília Freitas.** (UFMG). Disponível em:

<http://www.uesc.br/seminariomulher/anais/PDF/Mesas/ALCILENE%20CAVALCANTE.pdf>
Acesso em: 21 jun. 2017. Acesso em: 21 set. 2017.

considerável de fatos e circunstâncias que os aproximam, até o encontro em Manaus, onde se conheceram, casaram, atuaram em harmonia em várias atividades como o jornalismo e no Movimento Espírita, e tiveram a convivência interrompida pelo desencarne de Emília.

Emília Freitas, chegada à capital amazonense depois de atravessar dores profundas com a perda do pai e ao constatar graves dificuldades para a família no interior do Ceará, com a falta de apoio de correligionários e da comunidade de União onde o pai teria tido certo destaque, mas constituído desafetos políticos, dores com a perda de muitos irmãos e da mãe, em poucos anos, depois desses transe ela decidiu se embrenhar na floresta amazônica escolhendo Manaus para se recolher e viver com um dos irmãos, Alfredo Freitas, em 1892.

Arthunio, deslocado do Recife para Belém e de lá para Manaus a serviço de atividades na imprensa, depois da perda do pai e da única irmã; de viuvez; em busca de melhores condições para o exercício da sua principal atividade que era o jornalismo; afastado de Belém possivelmente por razões políticas à vista de ter integrado grupo bastante polêmico de Antônio Lemos; chegado à capital amazonense acompanhado da mãe, para reiniciar a caminhada de trabalho e proclamado como profissional de grande qualidade e prestígio.

Além de reconhecer que em suas trajetórias há um conjunto de identidades que os aproximam, como pode ser constatado na simples leitura do histórico de cada um deles seja no magistério, nas artes, nas letras, na imprensa, no abolicionismo, nas campanhas republicanas... dois elos grandemente significativos parecem tê-los reunido em Manaus: o Movimento Espírita e a missão de difundir a Doutrina Espírita. Ela, chegada a Manaus em 1892. Ele, aportado na mesma cidade em fins de 1899. Casam-se em maio de 1900.

Quando conheceu Arthunio, Emília já havia iniciado sua atuação no Espiritismo na capital amazonense, e foi ela quem o convidou e conduziu para essa prática, despertando nele o estudo do Evangelho e o transformando em conferencista e orador espiritista, para juntos se transformem em propulsores da Doutrina, especialmente na Amazônia, não só organizando grupos de estudo e práticas espíritas, mas também promovendo a criação de jornais especialmente dedicados à informação e difusão da Doutrina.

E como cada um deles despertou para o Espiritismo? O que conseguiram realizar juntos, a justificar essa constatação histórica? São essas algumas das indagações que esse estudo pretende oferecer como contribuição ao esclarecimento.

Questão que tem inquietado alguns pesquisadores que se dedicam ao estudo da vida e da obra de Emília Freitas é saber desde quando ela teria se voltado para as práticas do espiritismo, considerando que tendo reencarnado na terra de Bezerra de Menezes, um dos mais considerados impulsionadores do Espiritismo no País, era também terra de grande influência e quase domínio integral da Igreja Católica, à época em franca e frontal oposição a Doutrina Espírita e suas práticas.

Emília esclarece o assunto com precisão em pequeno artigo lançado no jornal que, sob sua direção e de Arthunio, circulou em Maranguape, no Ceará, em 1901, ao tratar da reencarnação, e o faz declarando quando teria tomado o primeiro contato com o espiritismo, embora, à época, não tivesse percebido com clareza.

Não tinha eu mais do que sete anos quando sem o mínimo conhecimento das verdades espíritas, tive a ideia da reencarnação. Era uma bela manhã, das sete para as oito horas, no pátio entre flores, admirava curiosamente umas nuvens alvíssimas esclarecidas pelo sol em céu muito azul, de súbito exclamei mentalmente: Morrerei, mas virei de novo nascer... me reconhecerei nesta outra existência, sentir em mim o mesmo eu? O cogitar era profundo para uma criança daquela idade, ficou sem explicação.²²²

Essa percepção teria se dado em sua casa de residência, na pequena comunidade interiorana de União, ainda fortemente envolvida pela Igreja Católica a qual, desde o “início da conquista da terra juntamente com o Estado e os colonos, exerciam o papel de dominadores dos indígenas da região, impondo sua religião, pacificando-os, a fim de transformá-los em vaqueiros e mão-de-obra para as fazendas de criação de gado,”²²³ e na qual as irmandades católicas tinham poder especial, inclusive formando grupos de pessoas conforme a cor da pele, construindo templos, prestando assistência aos irmãos, sustentando o funcionamento das igrejas, contando com maior influência nas vilas e distritos que integravam a localidade como a da União.²²⁴

O que está assinalado por ela própria sugere um despertar para a Doutrina, mas o desenvolvimento de atividades no espiritismo consta ter sucedido quando de sua primeira passagem por Manaus, portanto, entre os anos 1892 e 1900, conforme assinala o presidente da Federação Espírita do Estado do Ceará, período do princípio do ordenamento institucional do Movimento Espírita no Amazonas e que redundou na criação da Federação Espírita Amazonense em 1904.

Quanto a Arthunio, ele mesmo prestou seu testemunho a respeito afirmando:

Em 1899 eu era viúvo e residia em Manaus.
A minha boa estrela fez-me conhecer pessoalmente, Emília Freitas, que depois foi minha segunda esposa, e a quem muito conhecia de nome.
Emília, espírita convicta, convidou-me a acompanhá-la ao Centro Espírita Amazonense, hoje Federação, presidida, então, por Bernardo de Almeida [...]
Foi aí, e, então, que conheci a doutrina, que a comecei a estudar graças ao espírito esclarecido de Emília, e aos conselhos profissionais de Bernardo de Almeida.²²⁵

Ele acrescentou ainda maiores informações a respeito desse importante fato, especialmente para o estabelecimento do liame que se cogita nesse estudo, de demonstrar a missão que lhes incumbiu na Amazônia, a da propagação do Espiritismo. Disse ele ainda em depoimento sobre sua aproximação da Doutrina Espírita:

Porque professo o Espiritismo [concluindo]

²²² FREITAS, Emília. **Reencarnação**. Maranguape, Ceará, 2 nov. 1901, p.4.

²²³ FALTA A REFERÊNCIA???

²²⁴ Idem, idem, idem.

²²⁵ VIEIRA, Arthunio. Inquérito Espírita. In: **Alma e Coração** – órgão de propaganda espírita, ano XIV, n.º 5, Belém, 1931., In.: OLIVEIRA, Alcilene Cavalcante de. **Uma escritora na periferia do Império: vida e obra de Emília Freitas (1855-1908)**, Belo Horizonte, 2007, p.

Como todo brasileiro de meu tempo, nasci e cresci-me até certa idade, na religião católica romana. Meu padrinho teve até a veleidade de fazer de mim padre, infelicidade de que me libertou o falecimento dele; e dizem que quando pequeno, eu quedava contemplativo por horas, em frente a um santuário, o que fazia crer em mim uma grande vocação para a vida sacerdotal. Muito pequeno ainda meteram-me no colégio dos jesuítas. Era no tempo da questão religiosa. Veio a expulsão dos [?] a cacete, no celebre 18 de maio, e fiquei livre deles.

Foi um padre quem despertou em minha inocência de criança as primeiras imoralidades, por meio de certas perguntas que me fez na única vez em que, obrigado pelo meu professor, me confessei. Eu tinha, então, oito anos. Mais tarde, à proporção que me fui desenvolvendo, fui descobrindo as falhas da igreja.

A leitura do romance histórico de Eugênio Sue, "Mistérios do povo" tornou-me [?] convicto e declarado inimigo da mentirosa igreja romana. Cai de chofre no materialismo. Indagador, porém, entrei a analisar. Tudo em a natureza é matéria e força. O químico, no seu gabinete, obtém o raio e o decompõe e produz mil fenômenos admiráveis; sabe de que matérias organizam nosso corpo e precisa lhes as quantidades.

Sendo assim, nada mais simples que construir um homem no gabinete. Se o químico, porém, tentar o conjunto dessas matérias dará, quando muito, certas massas plásticas da qual poderá modelar uma estátua.

E a vida? [?] e opus, hic labor est [?] ¹⁶⁰ Assim, pois, ao concluir toda uma elaboração de raciocínios, o materialista encontra, como eu encontrei, muda como uma esfinge, uma interrogação. E a essa interrogação só a doutrina espírita me respondeu quando procurei estudá-la, após aquela noite em que o espírito de uma extinta veio avisar-me do perigo que estava correndo minha vida. ²²⁶

Eis, portanto, por depoimento próprio, esclarecido o momento no qual cada um deles despertou para a prática do espiritismo, e quando se reuniram para desenvolver em conjunto as ações voltadas para a difusão dos estudos de Kardec, que, iniciados em Manaus, por razões de saúde de Emília, também se estenderam temporariamente a Maranguape (1900-1901), passando em seguida por Belém (1902...) e culminando novamente em Manaus, numa segunda fase que deve ter se efetivado após 1902 até 1908 quando do desencarne de Emília, depois do qual Arthunio prosseguiu com a missão, retornando a Belém do Pará e desenvolvendo uma atividade intensa nesse mesmo sentido. Ele que poderia ter sido padre, e um jesuíta, e que encontrou em um respeitável escritor de França, razões para se indagar sobre a forma como a igreja católica da época se conduzia, oportunidade em que foi conduzido ao materialismo e a uma reflexão mais profunda sobre essas questões que, naturalmente, pareciam tabus. E teria sido a interrogação que anuncia estar diante de todo o materialista, que despertou para outras faces da formação religiosa que tivera na infância, voltando-se mais tarde para o espiritismo.

Essa prática desenvolvida na capital amazonense, já agora harmonizada com Arthunio Vieira, o casal levou para o Ceará quando de breve retorno em meados de 1900, e novamente exercida na nova fase de residência em Manaus. Essa dedução pode ser feita pelo fato de que ao retornar ao Ceará e

²²⁶ VIEIRA, Arthunio, In.: OLIVEIRA, Alcilene Cavalcante de. **Uma escritora na periferia do Império: vida e obra de Emília Freitas (1855-1908)**. Belo Horizonte, 2007, p. 160.

se estabelecer na região de Maranguape, dedicou-se à fundação de grupo espírita e de imprensa especialmente dedicada à difusão da Doutrina.

Tendo chegado ao Ceará no segundo semestre de 1900, no ano seguinte passaram a organizar o Grupo Espírita *Verdade e Luz*, no qual mantiveram um jornal dedicado especialmente aos temas relativos ao Espiritismo, sob o título de *Luz e Fé*, com circulação a partir de novembro daquele ano e distribuição gratuita, considerado como o primeiro periódico espiritista do Ceará.

Retorno ao Ceará: por que Maranguape?

Viajando de Manaus a tratamento de saúde é possível cogitar que tenha procurado região pelo clima mais favorável, na proximidade de serras, e, ao mesmo tempo, nas vizinhanças de uma cidade de porte, premissas a que Maranguape atendia de forma satisfatória, considerando o sopé da serra e a vizinhança com Fortaleza. Parece oportuno registrar que a essas circunstâncias podem se reunir outras, de ordem histórica e relativas a suas lutas antigas, especialmente em defesa da abolição da escravatura negra por que Maranguape foi sede do primeiro Congresso Abolicionista do Brasil (1881), no qual, dentre os 126 participantes estava Francisco José do Nascimento (Dragão do Mar), assim como foi território das lutas em defesa da mulher nos movimentos a favor do divórcio no Brasil (1898), e terra de nascimento de Elvira Pinho, fervorosa abolicionista, tudo isso mesmo sendo região de grande poder de influência da Igreja Católica, seja social como político e cultural. Trata-se de hipóteses, mas nenhuma delas se confirma por qualquer vestígio documental, mas valem ser consideradas, especialmente quando examinado o desempenho do casal Emília e Arthunio na temporada em que residiram em terras cearenses.

Instalados na cidade, enfrentaram os padrões dominantes e impostos pelo catolicismo mais ferrenho, mas eles foram decisivos para as atividades espíritas, para a divulgação da doutrina e a prática de jornalismo independente. A sociedade da região era avessa a essas práticas e a resistência do catolicismo perdurou ainda por muitos anos, com maior visibilidade a partir de 1910, como assegura Marcos Diniz Silva, para quem

A chegada das ideias espíritas ao Ceará remonta às décadas finais do século XIX, com a implantação dos grupos familiares de Espiritismo e o aparecimento dos primeiros centros espíritas, entre o final do século XIX e início do século XX. Em 1897 surgiu em Fortaleza, o Grupo Espírita “Fé e Caridade”, pela iniciativa do carioca Luiz de França de Almeida e Sá. Ao iniciar-se o novo século, surgiram no município de Maranguape mais dois grupos: o Grupo Espírita “Verdade e Luz” (1901), sob a direção de Arthunio Vieira e sua esposa, a escritora, abolicionista e precursora do movimento feminista no Ceará, Emília de Freitas.²²⁷

O Grupo se reunia para sessões todas as sextas-feiras e logo despertou curiosidade e interesse sério em muitas pessoas que acorriam à casa de Emília

²²⁷ SILVA, Marcos José Diniz e. **Catolicismo e espiritismo: dimensão conflituosa no campo religioso cearense na Primeira República**. Revista Brasileira de História das Religiões. ANPUH, Ano II, n. 4, mai. 2009 - ISSN 1983-2850 <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao> – Artigos Disponível em: [_www.dhi.uem.br/religiao/pdf3/texto6.pdf](http://www.dhi.uem.br/religiao/pdf3/texto6.pdf).

e Arthunio, provocando algumas cenas curiosas, tentativas de farsa por parte de alguns que se faziam de médiuns, e em relação aos quais eles deram tratamento caridoso e compreensivo, os afastando gradualmente, mas reconheceram que Maranguape era local em que ativam muitos médiuns, chegando a afirmar “essa cidade está fadada para teatro de grandes coisas em relação à propagação da luz, da religião, mas impulsiona a ciência, da religião que substitui o crê ou morte, acredita e não discute porque é dogma pelo analisai com calma para crer com firmeza.”

E assim se comportavam como o próprio Arthunio afirmou em texto de jornal, “porque estamos compenetrados de que cumprimos o nosso mandato sobre a terra é que com dificuldade, embora, pregamos aos que nos quiserem atender, a pura Doutrina Espírita.”²²⁸

É verdadeiro afirmar que, no Ceará, desde 1853, o jornal *O Cearense* noticiava “experiências” com “mesas girantes”, levadas a efeito na casa de residência do comerciante José Smith de Vasconcelos (barão de Vasconcelos), e também, que houve difusão do Espiritismo na Escola Militar do Ceará, pelos anos 1890, em muito estimulada pelo movimento positivista, levando a que surgissem os primeiros grupos espíritas, em Fortaleza (1890), e em Maranguape (1901 e 1902).²²⁹

Foi em Maranguape que editaram o jornal *Luz e Fé*,²³⁰ identificado frontalmente como órgão do Grupo Spirita Religioso “Verdade e Luz”, logo seguida da expressão “A verdade deve ser dita!”, tendo também como mensagem bem destacada a seguinte expressão: “Fere-me, mas ouve-me”. Seu primeiro número é de 2 de novembro de 1901 - data escolhida propositalmente – tinha distribuição gratuita e seu redator principal era Arthunio Vieira, vindo a se constituir no “primeiro jornal espírita vindo a lume no Ceará.”

De pequeno tamanho, papel simples, impressão sem ilustrações, conforme exemplar cadastrado e existente na Fundação Biblioteca Nacional, a edição inaugural apresenta mensagem de Victor Maria Hugo, recebida em 29 de setembro, lançada na primeira página.

²²⁸ VIEIRA, Arthunio.

²²⁹ SILVA, Marcos José Diniz e. **Maçons, espíritas e católicos nos embates religiosos da Primeira República no Ceará.** ANPUH – XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Fortaleza, 2009. Disponível em: http://anais.anpuh.org/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH_S25.0279.pdf. Acesso em: 22 set.2017.

²³⁰ Podem ser referidos vários órgãos de imprensa voltados para o Espiritismo, tais como: em 1885, a revista *Século XX*, em Campos, Rio; em 1886, em São Paulo, o *Espiritualismo Experimental*; em 1890, *A Nova Era* e *O Regenerador*, nesta cidade; *Regenerador*, no Pará; *Verdade e Luz*, em São Paulo; *Revista Espírita* e *A Luz*, em Curitiba, Paraná; em 1892, *A Evolução*, no Rio Grande do Bicentenário de Allan Kardec Organizado por Carlos Bernardo Loureiro 83 Sul; em 1893, *O Farol*, em Paranaguá, estado do Paraná; em 1894, *A Voz Espírita*, em Porto Alegre; *A Verdade*, em Mato Grosso; *Perdão, Amor e Caridade*, na Franca, São Paulo e *A Fé Espírita* em Paranaguá; em 1895, a *Revista Espírita*, na Bahia; *Eco da Verdade*, em Porto Alegre, e *A União*, em Maceió, em 1896; *A Religião Espírita*, nesta capital, e *Voz da Verdade*, em Paranaguá; em 1898, a *Revista Espírita*, em Porto Alegre; em 1899, *O Guia*, no Recife; em 1900, *A Regeneração*, no Rio Grande; *O Espírita Alagoano*, em Maceió e *A Doutrina*, em Curitiba. Até 1900 tinham, pois, sido fundados no Brasil 31 jornais espíritas. Em 1901, o *Messageiro*, fundado em Manaus, e *A Ciência*, em Maceió; em 1902, a *Fraternização*, nesta capital; *A Cruz*, na cidade de Amarante, Estado do Piauí, e *Doutrina de Jesus*, em Maranguape, Ceará; em 1903, *Luz e Fé* e *Sofia*, no Pará; *A Nova Revelação*, em São Paulo, e *O Allan Kardec*, em Cataguazes, Minas Gerais; e finalmente, em 1904, *A Verdade*, em Palmares, Pernambuco, *A Semana*, no Recife, e *O Alvião*, em São Paulo.

Na pequena justificativa, em forma de editorial, dizem os editores encimando a página de abertura, a justificar a escolha do dia 2 de novembro para circulação do jornal, sabidamente consagrada aos “mortos”:

Este dia, por nós escolhido para o surgimento do nosso jornalzinho, é, em todo mundo civilizado, um dia de pranto; é um dia de recolhimento; chora-se nele a ausência dos que se foram da terra; o povo chora-a como se ela fora eterna, o que agora não pretendemos discutir.

Por isso mesmo é que a escolhemos.

A essa abertura seguem-se considerações sobre o espiritismo aliadas a uma crítica à Igreja Católica, uma espécie de resposta natural às muitas contraposições ácidas da Igreja de Roma contra o Espiritismo, posição que se arrastou por longos anos, com maior repercussão em regiões interioranas como Maranguape. Diziam os editores:

Cultores convictos da profundíssima ciência espírita, não podíamos achar melhor, porque, enquanto nos templos de pedra há o funéreo dobre dos sinos e o crepitar das luzes ... murmuram-se ou cantam-se preces cabalísticas, feitas em uma língua que o povo não entende, na simplicidade e modéstia dos nossos grupos, oramos espontaneamente; por mortos e vivos, amigos ou não, consonantemente à palavra de Jesus, nosso mestre.

Explicando o surgimento do jornal como veículo apropriado para a difusão do espiritismo, e tratando do “Programa” do jornal como era comum a todos os veículos de imprensa da época assinalaram o seu *desideratum*, eles explicaram:

Quanto ao nosso fim na imprensa, diremos: procuramos pregar a doutrina espírita em toda a sua simplicidade e inteireza. Programa, recebemo-lo, louvado deus, do alto, deu-no-lo o espírito daquele que, com o genial talento que Deus lhe deu, encheu um século.

Após transcrever a mensagem recebida em sessão espírita, sem maiores explicações, os editores assinalaram as razões de ser um jornal de circulação gratuita, indicando também que se tratava de veículo cigano, por assim dizer, porque seria editado em qualquer cidade onde eles estivessem: “Essa publicação inteira é completamente gratuita porque a palavra sagrada não é coisa que se venda e aparece em qualquer ponto do país a que o destino leve o grupo “Verdade e Luz”, pois que o grupo de propaganda não tem estadia certa”²³¹.

Na página dois está publicada uma poesia de Emília, sob o título “A Nova Luz”, preparada para uma recitação pública que não pode ser realizada por motivo de abalo em sua saúde, em par com manifestação do poeta Castro Alves.

A afirmação de que o jornal poderia aparecer em outra localidade porque o grupo espírita poderia tomar sede em outro lugar, já indicava o caráter transitório deles em Maranguape,²³² como de fato sucedeu, visto que

²³¹

²³² Residindo temporariamente em Maranguape, mesmo assim procuraram contribuir também com a imprensa comum da cidade, com a melhor formação do povo, fazendo editar o jornal

retornaram à Manaus pouco tempo depois, mas também a determinação de utilizarem a imprensa como meio de informação e propagação da Doutrina, o que de fato conseguiram dar seguimento em Belém e na capital amazonense, anos depois, com a publicação de vários jornais dedicados ao assunto.

A iniciativa do casal redundou, logo no ano seguinte (1902), na fundação de outro grupo espírita sob a denominação de “Caridade e Luz”, que também passou a publicar um jornal sob o título de *Doutrina de Luz* e manteve uma escola denominada Escola Cristã,²³³ a indicar uma espécie de continuidade das ações iniciadas por Emília e Arthunio.

Retornando ao Norte do País, o casal passou outra temporada em Belém do Pará, a partir de 1902, não sendo possível definir até quando ali permaneceram, mas, em verdade, logo após 1902 atuaram na capital paraense nos jornais *Revelação*, *Verdade e Luz* e na revista *Spehia*, cujos títulos sugerem terem sido igualmente de propagação da Doutrina de Kardec, editados a partir de 1902. No mesmo ano Arthunio fundou o Centro Espírita Paraense “o qual tornou-se o maior centro de divulgação da Doutrina em Belém”, exatamente conforme o casal havia se comprometido no editorial do jornal de Maranguape, em 1901.

Em seguida, sem que seja possível precisar a que período corresponde inteiramente essa temporada paraense, o casal retornou a Manaus, onde deve ter dado continuidade às atividades no espiritismo, assim permanecendo até agosto de 1908 quando se deu o desencarne de Emília Freitas, cuja dedicação à Doutrina Espírita teria sido exemplar, despertando interesse em vários pesquisadores de conhecerem a sua obra, o que está confirmado no registro de seu desencarne feito pelo *Jornal do Commercio*, de Manaus, em 1908, notícia que, ao mesmo tempo, serve para reafirmação de sua experiência jornalística na capital paraense: “Fervente espírita, muito escreveu nos periódicos da doutrina, do Ceará e Pará, sendo secretaria das redações dos jornais *Verdade e Luz* e *Spehia*, em Belém do Pará.”²³⁴

Em síntese, são conhecidos registros que a consideram “Bandeirante do Espiritismo na Terra da Luz”, assim proclamada após seu desencarne em Manaus, aos 53 anos de idade, no dia 18 de agosto 1908.

O desencarne de Emília

O registro de óbito da Comarca de Manaus, no termo 1213 do livro C-45, as fls. 194, sob tutela do 1.º Cartório do Registro Civil das Pessoas Naturais, assinala o desencarne de Emília Freitas Vieira na capital amazonense, aos 18 dias do mês de agosto do ano de 1908, as 20.35h., cuja comunicação foi feita por Raymundo José de Oliveira, com atestado passado pelo Dr. Astrolábio Passos, sendo ela cearense de nascimento, casada com Arthunio Vieira, aos 47 anos de idade, vítima de “diarreia infecciosa e paludismo”, com sepultamento do corpo no Cemitério São João Baptista.²³⁵

“Maranguape”, de 14 de setembro de 1901, embora assinale 1891, com publicação semanal, redação de Arthunio tendo como lema: “Labor Omnia Vincit.”

²³³ USEECE. União das Sociedades Espíritas do Ceará. <https://useece.blogspot.com.br/2013/01/as-primeiras-decadas-do-Espiritismo.html?m=1>

²³⁴ JORNAL DO COMMERCIO, Manáos, 20 ago. 1908, p.1.

²³⁵ Certidão passada por Rozane Bandeira da Silva, Escrevente autorizada do referido Cartório, no arquivo do autor.

Sua dedicação à Doutrina Espírita teria sido exemplar, despertando interesse em vários pesquisadores de conhecerem sua obra, o que está confirmado no registro jornalístico feito pelo *Jornal do Commercio*, em agosto daquele ano, o qual, ao mesmo tempo serve para a reafirmação de sua experiência jornalística na capital paraense: “Fervente espírita, muito escreveu nos periódicos da doutrina, do Ceará e Pará, sendo secretaria das redações dos jornais *Verdade e Luz* e *Spehia*, em Belém do Pará”.²³⁶

Continuando a missão

Apartado do corpo físico de sua esposa e companheira Emília Freitas, mas fortalecido em sua fé e encaminhado nas sendas dos estudos espíritas, Arthunio prosseguiu sua missão na propagação da Doutrina após 1908, retornando a Belém e dedicando-se ao jornalismo, ao magistério e também à imprensa espírita e à organização de entidades do movimento espírita paraense. Pouco tempo depois foi diretor da primeira escola de médiuns da União Espírita Paraense (1915), integrando a diretoria da entidade em vários mandatos e em diversos cargos, inclusive os de secretário (1918), secretário adjunto (1926) e orador, e também participando de congressos, seminários e debates, como no caso da Confederação Espírita Caminheiros do Bem (1940).

Ao longo dos anos, verifica-se que ele se dedicou ao Movimento Espírita, seja editando e dirigindo jornais especializados na divulgação da Doutrina, seja como conferencista, em várias oportunidades. Na imprensa especializada dirigiu o jornal *Verdade*, editado em Belém, que era órgão espírita e no qual atuou juntamente com Carlos Barros de Souza,²³⁷ veículo de responsabilidade da União Espírita Paraense que em junho de 1918 estava em sua 16.^a edição, sendo distribuído gratuitamente após a sessão doutrinária realizada na sede da União.²³⁸

Como conferencista voltado para temas de interesse da elevação moral e espiritual do ser humano, atuou especialmente em Belém do Pará, na sede da União Espírita Paraense, localizada na Rua Aristides Lobo, n.º 27. Das muitas palestras que foram divulgadas pela imprensa comum podem ser destacadas as seguintes: “O coração, o cérebro, a lei”,²³⁹ “A Missão da Mulher”,²⁴⁰ O Problema do Homem;²⁴¹ e, “Confraternizemo-nos”.²⁴²

Destacado orador e conhecedor dos temas tratados pela Doutrina coube a ele ser o orador oficial dos eventos destinados a consagrar a instalação da Escola de Médiuns, nas comemorações kardecianas de 1917 realizadas em Belém, ao tempo em que a entidade principal do espiritismo no Pará estava sob a presidência de Carlos B. de Souza,²⁴³ seu antigo companheiro do jornal *Verdade*.

²³⁶ JORNAL DO COMMERCIO, Manáos, 20 ago. 1908, p.1.

²³⁷ ESTADO DO PARÁ, Belém, 2 jan. 1918, p.2.

²³⁸ ESTADO DO PARÁ, Belém, 1 jun. 1918, p.2.

²³⁹ ESTADO DO PARÁ, Belém, 12 ago. 1917, p. 2.

²⁴⁰ ESTADO DO PARÁ, Belém, 1 set. 1917, p.2.

²⁴¹ ESTADO DO PARÁ, Belém, 20 dez. 1917, p.2.

²⁴² ESTADO DO PARÁ, Belém, 23 abr. 1921, p.2.

²⁴³ ESTADO DO PARÁ, Belém, 5 out 1917, p.2.

Em 1935 ainda integrava a diretoria da União Espirita Paraense, fundada em 1906, como suplente, época em que Rafael Moreno estava na presidência.²⁴⁴

CONCLUSÃO

Observada a trajetória individual dos biografados é possível constatar que, separados fisicamente e com diferença de idade de cerca de dez anos, se interessaram pelas mesmas áreas do conhecimento e da atuação profissional, assim como por temas que, naquele momento histórico, agitavam parcela da população, notadamente a mais jovem, de caráter revolucionário e transformador como a abolição da escravidão negra e o regime republicano, além do positivismo, vindo a se interessarem, mais tarde, pelo espiritismo, também codificado em França e na mesma esteira dos movimentos libertários da população afro-residente no Brasil e submetida à escravidão, e dos ideais republicanos, os quais se expandiram pelo território nacional, e, anos mais tarde, levaram à consumação da alforria geral dos escravos, para o que ambos contribuíram.

Deslocados de suas terras de encarnação para o Norte do País, se encontraram em Manaus e efetivaram casamento, passando a atuar em conjunto, na capital amazonense, em breve temporada em Maranguape no Ceará e em Belém, em práticas espíritas e na divulgação da Doutrina, especialmente por meios de comunicação social que tinham amplo alcance naqueles anos. Diante dos fatos narrados e que constituem resultado da pesquisa desenvolvida e demonstrada em considerável resumo, é possível avaliar que possa estar caracterizada a lição do Evangelho segundo a qual os laços de família são espirituais e os espíritos, em comunhão, quando encarnados, desenvolvem missão previamente por eles programada, apesar de em certa fase desenvolverem trajetórias separadas, assemelhadas ou não, tal como sucedeu com Emília e Arthunio.

Adequado considerar que a formação religiosa convencional, rigorosa e opressora da época estava centrada na Igreja Católica, inclusive em razão de ser esta a religião oficial do Império do Brasil, antes mesmo desse fato ser constitucionalizado em 1824, exatamente a fase em que os dois, ainda jovens, integravam uma sociedade submetida a essas regras, considerando que reencarnaram em 1855 (Emília) e em 1865 (Arthunio).

A divulgação e a prática espírita tanto foram tomadas por eles como missão que eles asseguraram, e cumpriram, levar a mensagem da Doutrina em jornais por onde estivessem e cumpriram, seja em Maranguape, em Manaus e em Belém, e mais, Arthunio persistiu nesse caminho inclusive como conferencista, mesmo após o desencarne de Emília (1908), sendo possível identificar suas ações nesse sentido ainda em 1935, na capital paraense, inclusive na melhor organização do movimento por meio de entidades como a União Espírita Paraense, e nas práticas com os grupos familiares e casas espíritas.

²⁴⁴ A REINCARNAÇÃO, Porto Alegre, abr. 1935, p.5.(órgão da Federação Espírita do Rio Grande Sul).

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Luciana Andrade de. **Francisca Clotilde e a palavra em ação:** (1884-1921). Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp125468.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2017.

BARBOSA, Maria Edivani Silva. **Aracati (CE) no período colonial:** espaço e memória. Fortaleza, 2004. Disponível em: http://www.uece.br/mag/dmdocuments/maria_edivani_dissertacao.pdf. Acesso em: 17 set.2017. (Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Acadêmico em Geografia, do Centro de Ciências e Tecnologia, da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para obtenção do grau de mestre em Geografia).

Federação Espírita do Ceará - FEEC. <http://www.canteiroideias.com.br/2013/01/emilia-freitas-uma-mulher-frente-de-seu.html> EMÍLIA FREITAS "Uma mulher à frente de seu tempo", em 20 jan. 2013. Acesso em: 20 set. 2017.

FREITAS, Emília. **Reencarnação.** Maranguape, Ceará, 2 nov. 1901.

LOUREIRO, Carlos Bernardo. (org.) Bicentenário de Allan Kardec. Disponível em: [http://bvespirita.com/Bicentenario%20de%20Allan%20Kardec%20\(Carlos%20Bernardo%20Loureiro\).pdf](http://bvespirita.com/Bicentenario%20de%20Allan%20Kardec%20(Carlos%20Bernardo%20Loureiro).pdf). Acesso em: 20 set. 2017.

MENDES, Cunha A. (Almando de Castro). ESTADO DO CEARÁ, Fortaleza, 17 jun. 1891.

MONTENEGRO, Abelardo. Fortaleza, 1953.

SILVA, Maria Goretti Lopes Pereira e. **Escola Normal do Ceará:** impasses de criação e a tônica reformista, p.2. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/RValdemir/escola-normal-do-cear-18841922> Acesso em: 17.set.2017.

SILVA, Marcos José Diniz e. **Catolicismo e Espiritismo:** dimensão conflituosa no campo religioso cearense na Primeira República. Revista Brasileira de História das Religiões. ANPUH, Ano II, n. 4, mai. 2009 - ISSN 1983-2850 <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao> – Artigos Disponível em: [_www.dhi.uem.br/religiao/pdf3/texto6.pdf](http://www.dhi.uem.br/religiao/pdf3/texto6.pdf).

SILVA, Marcos José Diniz e. **Maçons, espíritas e católicos nos embates religiosos da Primeira República no Ceará.** ANPUH – XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Fortaleza, 2009. Disponível em: <http://anais.anpuh.org/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S25.0279.pdf>. Acesso em: 22 set.2017.

SILVA, Regia Agostinho da. **Emília Freitas e a escrita de autoria feminina no século XIX.** Disponível em: http://www.outrostempos.uema.br/revista_vol7_9_pdf/regia_agostinho.pdf. Acesso em: 21 jun.2017.

STUDART, Guilherme. **Dicionário bio-bibliographico cearense**, vol. 1. Fortaleza: Typo-Lithographia a vapor, 1910.

VIEIRA, Arthunio. Inquérito Espírita. In: **Alma e Coração** – órgão de propaganda espírita, ano XIV, n.º 5, Belém, 1931., In.: OLIVEIRA, Alcilene

Cavalcante de. **Uma escritora na periferia do Império**: vida e obra de Emília Freitas (1855-1908), Belo Horizonte, 2007.

VIEIRA, Arthunio, In.: OLIVEIRA, Alcilene Cavalcante de. **Uma escritora na periferia do Império**: vida e obra de Emília Freitas (1855-1908). Belo Horizonte, 2007.

Periódicos

A FEDERAÇÃO, Manáos, 11 nov. 1898.

A FEDERAÇÃO, Manáos, 11 jan. 1899.

A PALAVRA, Belém, 17 dez. 1895.

CEARENSE, Fortaleza, 26 nov.1881.

CONSTITUIÇÃO, Fortaleza, 24 nov.1882.

CORREIO PARAENSE, Belém, 23 fev. 1893.

DIARIO OFFICIAL DO ESTADO, Manáos, 9 jan. 1895.

DIARIO OFFICIAL DO ESTADO, Manáos, 27 fev.1896.

DIARIO OFFICIAL DO ESTADO, Manáos, 1 jul. 1898.

DIARIO OFFICIAL DO ESTADO, Manáos, 3 jul. 1898.

DIÁRIO OFFICIAL DO ESTADO, Manáos, 6 jul. 1900.

DIARIO OFFICIAL DO ESTADO, Manáos, 29 ago. 1900.

DIÁRIO OFFICIAL DO ESTADO, Manáos, 29 ago. 1900.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO, Recife, 9 jan. 1864.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO, Recife, 29 set. 1866.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO, Recife, 21 out. 1880.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO, Recife, 8 ago. 1888.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO, Recife, 5 jan. 1892.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO, Recife, 29 jan. 1892.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO, Recife, 2 fev. 1892.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO, Recife, 13 fev. 1892.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO, Recife, 15 mar. 1892.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO, Recife, 29 mar. 1892.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO, Recife, 8 abri. 1893.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO, Recife, 9 abr. 1893.
DIÁRIO DE PERNAMBUCO, Recife, 11 abr.1893.
DIÁRIO DE PERNAMBUCO, Recife, 21 jan. 1898.
DIÁRIO DE NOTÍCIAS, Belém, 24 jan. 1896.
ESTADO DO PARÁ, Belém, 12 ago. 1917.
ESTADO DO PARÁ, Belém, 1 set. 1917.
ESTADO DO PARÁ, Belém, 5 out 1917.
ESTADO DO PARÁ, Belém, 20 dez. 1917.
ESTADO DO PARÁ, Belém, 28 dez 1917.
ESTADO DO PARÁ, Belém, 2 jan. 1918.
ESTADO DO PARÁ, Belém, 1 jun. 1918.
ESTADO DO PARÁ, Belém, 23 abr. 1921.
FOLHA DO NORTE, Belém, 23 jan. 1896.
GAZETA DE ALENQUER, Alenquer, 2 dez 1908.
GAZETA POSTAL, Belém, 6 jan. 1894.
JORNAL DO CEARÁ, Fortaleza, 9 jan.1868.
JORNAL DO CEARÁ, Fortaleza, 28 jan. 1868.
JORNAL DO CEARÁ, Fortaleza, 31 jan. 1868.
JORNAL DO CEARÁ, Fortaleza, 13 mai. 1868.
JORNAL DO COMMERCIO, Manáos, 3 jul. 1900.
JORNAL DO COMMERCIO, Manáos, 20 ago. 1908.
JORNAL PEQUENO, Recife, 17 set. 1902.
JORNAL DO RECIFE, Recife, 14 jun. 1889.
JORNAL DO RECIFE, Recife, 23 mai. 1891.
JORNAL DO RECIFE, Recife, 30 ago. 1893.
JORNAL DO RECIFE, Recife, 7 set. 1893.
JORNAL DO RECIFE, Recife, 21 set 1893.
JORNAL DO RECIFE, Recife, 12 mai. 1898.
O LIBERTADOR, Fortaleza, 10 jan. 1883.

O LIBERTADOR, Fortaleza, 22 set. 1883.

O LIBERTADOR, Fortaleza, 14 mar. 1884.

O PARÁ, Belém, 21 jul. 1898.

O PARÁ, Belém, 19 nov. 1898.

O PARÁ, Belém, 24 dez. 1898.

O PARÁ, Belém, 25 dez 1898.

O PARÁ, Belém, 29 dez, 1898.

REVISTA DO INSTITUTO DO CEARÁ, Fortaleza, 1937. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=166774&pesq=emilia%20freitas>. Acesso em: 21 jun. 2017.

REPÚBLICA, Belém, 31 mai. 1900.